

VIDA E OBRA DA POETA POTIGUAR AUTA DE SOUZA (1876-1901)

Ana Laudelina Ferreira Gomes *
Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN

Auta de Souza nasceu em 1876 no município de Macaíba (RN), na época principal centro comercial e político do Rio Grande do Norte. Faleceu em 1901, aos 25 anos de idade incompletos, vitimada pela tuberculose. Deixou alguns poemas publicados em jornais e revistas locais e regionais, dois manuscritos (*Dhálías* e *Horto*) e um único livro de poemas publicado: o *Horto*.¹

A poeta era bisneta de Francisco Pedro Bandeira de Melo, senhor de vastas terras e boa soma de gado da antiga região de Coité, hoje Macaíba. Esse bisavô dera em casamento sua filha Cosma Bandeira de Melo – não se sabe ao certo se ela era filha natural ou adotiva – ao seu brilhante vaqueiro, tido como negro, Félix José de Souza. Do casamento dos dois, nasceu Eloy Castriciano de Souza, pai de Auta de Souza.

Eloy Castriciano de Souza trabalhou, durante treze anos, para Fabrício Gomes Pedroza, genro de seu avô Francisco Pedro.² Mais tarde, Eloy Castriciano lançou-se numa sociedade com o futuro sogro, Francisco de Paula Rodrigues, comerciante do Recife, que já operava no ramo da importação e exportação. Posteriormente, Eloy Castriciano aliou a carreira comercial à política, sendo deputado provincial pelo Partido Liberal no biênio 1878-1879.

A mãe de Auta de Souza era Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza, filha de Francisco de Paula Rodrigues com Silvina Maria da Conceição, esta também conhecida por Dindinha. Silvina, como a maior parte das mulheres de origem humilde de seu tempo, era analfabeta, mas consta que sua filha Henriqueta tinha alguma instrução. Luís da Câmara Cascudo fala que ela era “lida em livros”. Um dos irmãos da moça, Lucidário Rodrigues, chegou mesmo a freqüentar por dois

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Doutorou-se em Ciências Sociais pela PUC-SP com a tese "Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética".

¹ Para falar da biografia de Auta de Souza, as principais fontes bibliográficas de pesquisa usadas foram: a *Nota* que Henrique Castriciano de Souza escreveu para a segunda edição do *Horto* (Souza, H., 1970), o primeiro capítulo do livro *Memórias*, de Eloy de Souza (1975), irmão da poeta, e a biografia que Luís da Câmara Cascudo (1961) escreveu, *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Além destes três textos, foi de grande valia a dissertação de Nalva Leão (1986), *A obra poética de Auta de Souza*, muito rica em dados documentais. Todas as demais fontes de pesquisa, cada qual com sua importância específica, estão referenciadas em minha tese de doutorado, *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética* (Gomes, 2000).

² É comum encontrar alguns textos em que os autores fazem confusão, informando que Auta de Souza era bisneta de Fabrício Gomes Pedroza, mas está incorreto

anos a Faculdade de Medicina da Bahia, tendo-a interrompido devido a seu falecimento. Silvina e Francisco de Paula eram amasiados, e ela passou à condição de esposa dele no dia do casamento da filha Henriqueta, quando também foi oficializado o casamento dos dois, evitando certo constrangimento de Henriqueta na hora da “leitura de banhos” em sua cerimônia matrimonial. De Silvina diz-se ter sido mulher totalmente dedicada ao lar e à família; primeiro, ao marido e aos filhos e, depois, aos netos órfãos.

Auta de Souza perdeu os pais muito cedo, a mãe aos três anos, o pai aos cinco. Após a morte dos pais, ela e seus quatro irmãos foram levados pelos avós maternos, de Macaíba para o Recife. O avô faleceu em 1882, ano seguinte à morte do pai de Auta, e todos os cinco irmãos ficaram sendo criados pela avó Silvina.

Mais uma morte veio tirar o sossego de Auta, então com doze anos, seu irmão mais novo, Irineu Leão Rodrigues de Souza, foi incendiado na sua frente devido a um acidente com um candeeiro. Marca de dor que parece ter levado para o resto da vida.

ESTUDANTE DE UM COLÉGIO CATÓLICO

Na mesma época, já sabendo ler, escrever e resolver operações matemáticas básicas, Auta foi matriculada no Colégio São Vicente de Paulo, no Recife. Colégio católico orientado pela congregação francesa vicentina, que recebia tanto filhas de famílias ilustres da sociedade pernambucana, como meninas órfãs. Não há registros sobre a condição em que Auta de Souza teria estudado lá. A educação que a menina recebeu nesse Colégio tem sido constantemente aludida por comentadores seus como um aspecto especialmente enaltecido em sua formação intelectual. No entanto, pesquisas sobre colégios femininos católicos da época revelam que enquanto ao rapaz era dada uma educação voltada para o intelecto, para as moças a educação primava basicamente pela moralização de seu caráter nos moldes cristãos, acentuando o mero lustro para o convívio social exigido para uma senhora burguesa, tendo em vista um modelo formador de esposa e mãe.

Não se sabe se foi nos tempos do Colégio ou após sua passagem por ele que Auta de Souza passou a fazer parte da *União Pia das Filhas de Maria*, associação feminina de piedade, que integrava o projeto ideológico da reforma da Igreja católica no Brasil, buscando retomar sua influência e prestígio social.³

As necessidades dos reformadores da Igreja no Brasil se coadunavam com os interesses das congregações católicas, que a partir da segunda metade dos

³ Trata-se de um projeto específico voltado à população feminina como uma estratégia de recristianização, que tinha nas mulheres o alvo privilegiado de ação, uma vez que eram consideradas um público dócil, propenso à assimilação de suas normas. Sobre isso, consultar Nunes (1997) e Manoel (1996).

Oitocentos começaram a instalar colégios femininos no país. O projeto de educação feminina desses colégios se afinava com o desejado pelas elites para a educação de suas filhas, e, por isso, apoiaram a iniciativa.⁴

O entendimento da gênese dessas congregações no Brasil, bem como o estabelecimento dos colégios femininos que fundaram, como foi o caso do São Vicente de Paulo, é de extrema importância para uma reflexão crítica acerca da formação educacional pela qual passavam as estudantes dos colégios católicos no Brasil dos Oitocentos, ou seja, as posteriormente mães dos homens da elite brasileira. Esse era um dos motivos do projeto de recristianização da Igreja no Brasil da época: colocar as mulheres como foco de sua atenção.

Isso implicava em agir estrategicamente também no cotidiano das estudantes nesses colégios. As orações diárias, as comemorações religiosas, as leituras doutrinárias e de caráter devocional, eram regra para cimentar o sistema ideológico do projeto, incorporando-se à vida das educandas. Um dos recursos utilizados para estimular a conduta apregoada era premiar aquelas alunas que se destacavam por sua virtude, dedicação, zelo e piedade. As premiadas serviam de exemplo para as colegas entendidas como menos virtuosas. Sabe-se que Auta de Souza esteve entre as alunas premiadas do Colégio São Vicente de Paulo.⁵

A *União Pia das Filhas de Maria* funcionava como um estímulo adicional para que as estudantes buscassem o virtuosismo nesses colégios. Só podiam integrá-la aquelas meninas que fossem consideradas merecedoras por sua conduta exemplar, devoção e fé reconhecidas. As alunas, querendo participar da *Pia União*, na condição de filhas de Maria, competiam em devoção, piedade, espírito de mortificação e adesão irrestrita aos preceitos doutrinários do catolicismo da época.

Paralelamente, a imprensa católica oitocentista também se ocupava da educação das moças, sugerindo-lhes leituras. Aconselhava justamente histórias religiosas exemplares e romances baseados em fatos históricos ou temas religiosos.⁶ Não se pode esquecer que o modelo católico ocidental da época preparava as moças católicas para a morte, identificando-a com os sofrimentos do Cristo. Jesus fez o papel daquele a quem as mulheres católicas deveriam adorar sem limites por sua cruz, pela remissão do pecado original. Pecado no qual Eva foi o emblema de uma pretensa natureza feminina rebelde, que, por sua dita fraqueza - deixar-se enganar pela serpente -, passou à representação estigmatizada da mulher, daquela que se deixou tentar por Satanás. A mulher, então resignificada como anjo decaído, teria na pureza da Virgem Maria um modelo a ser seguido por todas as mulheres que quisessem permanecer com

⁴ É claro que isso não destituiu estas escolas do mérito de terem contribuído para a ampliação do acesso feminino a níveis de ensino mais elevados. Mas, tomando como critério o teor do projeto educacional, de caráter doutrinário conservador, em contraponto a ideais de emancipação feminina, então a avaliação toma outro rumo.

⁵ Cf. Cascudo, 1961.

⁶ Fontes & Alves, 1999. Sobre os livros recomendados para moças, ver Heller (1997).

Deus. Foi assim que, em todo o Ocidente, a cultura católica valorizou o papel materno e teve na maternidade da Virgem o expurgo do pecado de Eva.⁷

Teóricos do catolicismo assinalavam o imenso poder das mulheres como condutoras do bem, mas sempre no âmbito doméstico, onde, prescreviam eles, alcançariam a sua realização com o casamento. Portanto, o modelo feminino católico era basicamente o da esposa e mãe, sendo o marido visto como uma dádiva de Deus, que conduzia a mulher, através do sacrifício à santidade.⁸ O discurso da Igreja oitocentista colocava a mulher cristã como o anjo do lar, contraponto ao anjo rebelde. Práticas de solicitude e altruísmo eram valorizadas na mulher, *ser o outro, pelo outro, através do outro*, entendidas como uma manifestação da sua relação privilegiada com Deus.

A imprensa católica e os colégios católicos femininos foram um dos principais agentes deste ideário entre nossas meninas dos Oitocentos. Foi nesse universo cultural que Auta de Souza estudou e educou-se, e por seu intermédio é possível compreender muitas especificidades da sua obra e das de outras escritoras oitocentistas.

A TUBERCULOSE

Mas o período no Colégio não durou muito: após três anos de estudo, aos quatorze anos de idade, problemas pulmonares fizeram sua avó levá-la ao médico. Diagnóstico grave: a “dama branca”, nome popularmente atribuído à tuberculose naquela época, a atingira. Ainda não havia sido descoberta a penicilina e o prognóstico para o contaminado era fatal. Doença que matara seus pais, enfermidade que, como de costume, impunha rigorosa disciplina e constantes viagens em busca de climas mais adequados, o que com Auta não se deu de forma diferente. Angicos, no Rio Grande do Norte, teria sido o local mais procurado.

Com bem mais estudo do que as moças de sua época, lendo e escrevendo em inglês e francês, Auta de Souza deixou o Colégio em 1890. Costuma-se associar a saída de Auta de Souza do Colégio à descoberta de sua tuberculose. No entanto, não se questiona que a doença não lhe impediu posteriormente de professar o catecismo para crianças de Macaíba, como o fez durante algum tempo. Além disso, seu irmão Henrique Castriciano também se encontrava tuberculoso na mesma época, mas retornou aos estudos formais, mesmo que de forma irregular. E ele continuou com a doença bem depois da morte de Auta de Souza. Por isso, suponho que outros motivos além de sua tuberculose contribuíram para sua saída do colégio, e o retorno de quase toda a família à Macaíba. Entre eles, o fato de que para os padrões culturais da época, em se

⁷ Sobre isso, ler Giorgio (1991)

⁸ Ibidem.

tratando de uma menina, Auta de Souza já tinha adquirido o “lustrô” mais que necessário para a formação requerida para mulheres.

Por essa concepção discriminatória, a moça estaria fadada a permanecer com seus mirrados três anos de escolarização regular. Mas certamente não era suficiente para alguém que pretendesse se tornar um poeta, seja homem ou mulher. Auta de Souza teve consciência disso, tanto que, mesmo deixando o Colégio, continuou aprimorando sua formação intelectual sozinha, tornou-se uma autodidata. Este seu autodidatismo é algo especialmente precioso na sua biografia, em se tratando de uma escritora oitocentista que vivia fisicamente distante do eixo de maior efervescência intelectual da época, o que não é observado nos textos sobre a escritora. Evidentemente não se pode desprezar o fato de que, aliado a este seu esforço pessoal, Auta contou com a sorte de viver ao lado de irmãos que, desde cedo, já se exercitavam no domínio da leitura e da escrita, tendo acesso a produções intelectuais atualizadas, entre elas jornais e revistas de divulgação literária.⁹

A família paterna de Auta de Souza tinha estreitas relações familiares, políticas e de compadrio com a família Maranhão, considerada uma oligarquia no Rio Grande do Norte da época. Relações importantíssimas na vida de Auta de Souza e seus irmãos.

FAZENDO-SE POETA

De volta a Macaíba com a família, a condição de tuberculosa não impediu que Auta se mostrasse moça de muitas amizades e participante de atividades sociais e literárias.

Começou a escrever poemas em 1893. Em 1894, foi fundado na cidade o *Club do Biscoito*, associação de amigos que faziam reuniões dançantes na residência dos associados. Auta de Souza era uma de suas freqüentadoras. Nas reuniões declamava versos de seus poetas preferidos, aproveitando para improvisar alguns. Na ocasião, trazia-se para a apreciação dos convivas a poesia de Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, Junqueira Freire e poetas potiguares como Lourival Açucena, Areias Bajão, Segundo Wanderley e outros anônimos, conhecidos por tradição.¹⁰

De Auta de Souza leitora, as informações foram colhidas basicamente nos textos de Henrique Castriciano, irmão da poeta, e de Câmara Cascudo. As epígrafes existentes em seus manuscritos e no *Horto*, são outra fonte considerada. Henrique Castriciano, escreveu que a irmã, na infância, se deliciara

⁹ Para saber mais sobre os irmãos Henrique Castriciano e Eloy de Souza, consultar as biografias de ambos. Do primeiro, ver Cascudo (1965). Do segundo, a autobiografia publicada postumamente, Eloy de Souza (1975).

¹⁰ Câmara Cascudo, 1961.

com a *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, livro bastante conhecido nas fazendas do Nordeste de então, sendo um dos temas de tradição européia muito apreciados na literatura de cordel.¹¹ Auta de Souza não o lia só para si, mas em voz alta, para “mulheres do povo e velhos escravos”.¹² Teria conhecido também contos encontrados em Segur, Schmidt e Perrault.

Segundo Câmara Cascudo, no Colégio teria conhecido um pouco da literatura francesa, através da antologia *Pages Choisies*, tendo contato com escritos de Jacques-Bénigne Bossuet, François de Salignac Fenelon, François René Chateaubriand e “alguma coisa” de Alphonse de Lamartine. Desse último, o livro *Horto* traz alguns versos em epígrafe.

Reunindo as informações de Câmara Cascudo, Henrique Castriciano e as contidas nas epígrafes dos manuscritos e do *Horto*, além dos escritores já citados, Auta teria conhecido também Luiz Murat, Tobias Barreto, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Henrique Castriciano, J. Estácio de Azevedo, Gonçalves Crespo, Garcia Redondo, Guerra Junqueiro, Edmundo de Amicis, João de Deus, Soares de Passos e Bulhão Pato. Câmara Cascudo acreditava que talvez Auta de Souza conhecesse alguns escritos de Antonio Nobre, Antero de Quental, Victor Hugo e Alfred de Musset. Henrique Castriciano assegurava que, dos místicos, Auta lera San Juan de la Cruz e Santa Teresa de Jesus. Nos últimos dias de vida, lera também *Meditações* do imperador romano Marco Aurélio.¹³

Segundo Henrique Castriciano, o livro de cabeceira da irmã seria o devocionário católico conhecido por *A imitação de Cristo*. Texto compilado a partir de manuscritos medievais de autoria controversa, sendo comumente atribuída ao alemão Tomás de Kempis (1380-1471), cônego de Santo Agostinho nos Países Baixos. Baseando-se em alusões feitas pela poeta ao livro, em seu poema *Na Primeira Página da Imitação de Cristo*, tratava-se de um presente que ela recebeu de um dos seus irmãos.

Amigas do tempo do Colégio foram preservadas por toda a vida, com elas correspondia-se e, por vezes, foi visitá-las.¹⁴ Depois de tornar-se poeta, a muitas dedicou poemas, como também a algumas de Macaíba e de Natal. Hoje, essas dedicatórias, visitas e correspondências poderiam até ser consideradas como um excesso de intimidade entre Auta e suas amigas, principalmente ao levar-se em conta a sensualidade com que Auta manifesta-se ao falar dos olhos, dos lábios, da cor da trança ou outras partes do corpo feminino. Embora não tenha entrado

¹¹ Épico da batalha entre cristãos e mouros, de grande influência nas fazendas nordestinas da época, apreciado por grandes escritores brasileiros na infância. Cf. Meyer (1993).

¹² Henrique Castriciano de Souza, 1970.

¹³ Consultar livro de Marco Aurélio (1995), cuja introdução de William Li (1995) é muito elucidativa sobre o pensamento do autor.

¹⁴ Uma dessas correspondências pode ser encontrada no manuscrito *Dhálías*. Trata-se de uma carta de Auta de Souza a Julieta Mascarenhas, que lá foi colada.

nesse tipo de discussão, o que me ocorre é que seriam os olhos, os lábios, os cabelos – independentemente de pertencerem a este ou aquele sexo - que estariam sendo objeto de devaneio poético. Mas isso aconteceria mais em relação às mulheres por não ser de bom tom para uma moça daquela época estar falando do corpo masculino. Tanto que Auta mostra essa mesma sensualidade ao referir-se a crianças de ambos os sexos. Há de se levar em consideração que, numa cultura em que as moças eram orientadas e controladas para permanecerem distantes do sexo oposto, nada mais natural do que o desenvolvimento de uma intimidade mais forte entre elas, pelo menos até o casamento. A cultura permitia que uma mulher tivesse esse tipo de postura em relação a outra mulher, como a própria poeta narra no poema *Versos Ligeiros*: “É verdade que não faz/ Mal nenhum fitá-la assim .../ Meu Deus! Se eu fosse um rapaz/ O que diriam de mim?!”.¹⁵

Excetuando-se a avó, Auta de Souza viveu entre rapazes, seus irmãos. Dois deles foram figuras prestigiadas no Rio Grande do Norte: Eloy Castriciano de Souza, jornalista que, entre outras coisas, assumiu a chefia política de Macaíba, sendo deputado e senador pelo Rio Grande do Norte; e Henrique Castriciano de Souza, poeta, estudioso da cultura, educador e dramaturgo, que assumiu cargos de assessoria no Governo do Estado durante quase a vida toda, mas destacando-se acima de tudo como um pensador da cultura e escritor. Foi também o fundador de uma escola voltada exclusivamente para a educação feminina na primeira década do século XX, a Escola Doméstica de Natal, que existe até hoje.

Entre outras coisas, as boas relações com os Maranhão no estado facilitou aos irmãos de Auta de Souza, e à própria escritora, acesso privilegiado na imprensa escrita local, sem desprezar, é claro, os méritos próprios de cada um deles na conquista de seus espaços de divulgação em função da qualidade de seus trabalhos.

AS PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA E O NAMORO

Auta de Souza estreou publicamente em 1894 na revista *Oásis*, de Natal. Tratava-se de um periódico literário e noticioso, órgão do grêmio literário *Le Monde Marche*. Em 1896, começou a colaborar em *A República*, de Natal, que tinha Pedro Velho de Albuquerque Maranhão como fundador, Eloy de Souza como um dos redatores e Henrique Castriciano de Souza como colaborador desde 1891. Segundo Luiz Fernandes, historiador da imprensa na época, o jornal *A República* era “o de maior circulação, o mais lido, mais espalhado pelo Brasil porque permutava com a imprensa do sul, do norte e do centro”.¹⁶ Mas, é só a partir de 1897 que Auta de Souza é citada como colaboradora oficial do jornal, ao lado do irmão Henrique Castriciano, entre outros nomes masculinos. Foi em *A Tribuna*, de

¹⁵ Cf. Auta de Souza (1970, p.77).

¹⁶ Luiz Fernandes (1998, p.90).

Natal, que, a partir de 1897, Auta de Souza passou a publicar seus versos assiduamente. Segundo o mesmo historiador, tratava-se de um periódico de prestígio, sendo que nele colaboravam poetas e escritores famosos do Nordeste. *Oásis* e *A Tribuna* eram periódicos que constantemente divulgavam produções femininas.

Entre 1899 e 1900, em *A Tribuna*, Auta de Souza passou a usar os pseudônimos de Ida Salúcio e Hilário das Neves.¹⁷

De 1894 a 1899, os tempos foram de muito movimento para Auta de Souza, movimento não só na vida intelectual, como também na vida afetiva. Além do mais, nesse período sua saúde sofreu constantes recaídas. Fez viagens seguidas em busca de restabelecimento, nas quais escrevia sempre. O roteiro era Recife, Vila de São José de Angicos, Nova Cruz, Serra da Raiz e, entre Macaíba e São Paulo do Potengi, a Fazenda Jardim que batizou por Alto da Saudade.

Pelos idos de 1895, enamorou-se de João Leopoldo da Silva Loureiro, promotor público de Macaíba e, posteriormente, de Canguaretama (RN). Há notícias de que havia a possibilidade de um noivado que não teria acontecido por interferência dos irmãos. Câmara Cascudo, conhecedor de toda a família da poeta e pessoalmente relacionado com Eloy de Souza e Henrique Castriciano, disse que o pretense noivo não era da confiança dos irmãos da moça; além disso, o biógrafo de Auta supunha que os irmãos da poeta temiam que a tuberculose pudesse afetar os possíveis filhos que o casal viesse ter. Se esse segundo motivo foi de fato verdadeiro, no que dependesse dos irmãos, Auta de Souza permaneceria solteira. Mas como provar a veracidade dessa versão? A meu ver, a tuberculose era um forte estigma de morte iminente, ou melhor, já se configurava como uma morte social antes da morte biológica. O que, aos olhos da família do tuberculoso, já se inviabilizava qualquer futuro para o doente; esperava-se apenas o fim do sofrimento com a morte do enfermo. Segundo Câmara Cascudo, João Leopoldo não teria insistido no intento do casamento, o que teria ferido Auta de Souza, culminando no rompimento do namoro entre os dois por volta de 1897, ano em que João Leopoldo faleceu, também vítima da tuberculose. Foi o momento de Auta fechar seu livro de manuscritos denominado *Dhálías*, contendo poemas escritos entre 1893 a 1897.

Em seguida, Auta de Souza abre um outro manuscrito, trazendo boa parte dos poemas contidos no *Dhálías*, modificando muitos, e acrescentando poemas novos. A esse novo livro manuscrito denominou *Horto*, divulgando seu nome na imprensa em 1898.¹⁸

Do mesmo ano são as colaborações de Auta de Souza na revista *Oito de Setembro*, periódico religioso e popular que foi o primeiro órgão de imprensa católico do estado, surgido em 1897. A revista era dirigida pelo então pároco da

¹⁷ Cf. Cascudo (1961).

¹⁸ Ibidem.

Freguesia de Natal, Padre João Maria Cavalcanti de Brito (1848-1905), popularmente conhecido por Padre João Maria.¹⁹ O padre tornou-se figura lendária no estado, sendo considerado um santo, havendo inclusive tentativa de sua canonização.²⁰ Foi um padre de idéias abolicionistas, sendo presidente do órgão de imprensa da associação denominada *Libertadora Norte -Rio-Grandense*, fundada em janeiro de 1888, por Pedro Velho.²¹

Ainda em 1898, um ano após a fundação do Grêmio Polimático em Natal, surgia seu órgão de imprensa, a *Revista do Rio Grande do Norte*, editada pela gráfica de *A República*. Auta de Souza, ao lado de Henrique Castriciano de Souza, fazia parte do grupo de colaboradores. Clóvis Beviláqua, ao comentar os estudos e valores intelectuais dos quais a revista era depositária, sem designar seu nome, possivelmente faz alusão à qualidade dos poemas de Auta de Souza: “ grupo em que brilham, com fulgores de especial simpatia, as louçanias de um conhecido talento feminino”²². Ele só podia estar se referindo a Auta, já que ela se constituía na única mulher entre os colaboradores da revista.

Fora estas colaborações em jornais com poemas, não há notícias da participação efetiva de Auta de Souza em manifestações ou movimentos de caráter cultural ou político. No entanto, suspeita-se que ela o fizesse sem que seu nome aparecesse publicamente.

Seria o caso de ações do *Grêmio Literário Tobias Barreto*, de Macaíba, associação de intelectuais que se encontravam durante as férias anuais, quando então promoviam tertúlias e discutiam produções intelectuais da época. Em 1899, Henrique Castriciano de Souza assumiu sua presidência e João Câncio Rodrigues de Souza, o mais moço dos irmãos, exercia a primeira secretaria da entidade. Para Manoel Rodrigues de Mello, embora Auta de Souza não figurasse na diretoria do grêmio, certamente dele deveria participar, mas “com o recato imposto pelos costumes do tempo e do meio em que vivia [...]” não aparecia oficialmente vinculada ao mesmo.²³ De qualquer forma, a vinculação de Auta de Souza, mesmo que não pública, a esse grêmio, bem como à revista *Oito de Setembro* sugere alguma aproximação sua com a causa abolicionista, na medida em que tanto Pedro Velho Albuquerque Maranhão, então editor de *A República*, quanto *Padre João Maria C. de Brito*, na época dirigente da revista *Oito de Setembro*, como o escritor Tobias Barreto que dá nome ao grêmio literário, estiveram à frente do movimento abolicionista, sendo tais órgãos de imprensa também veículos destas idéias. Não se pode esquecer, que apesar de sua tez escura, pouco se

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Cf. Mons. Eymard L'E. Monteiro (1979). Em pesquisa de campo em Macaíba, tive a oportunidade de ouvir um relato não oficial de um espírito sobre a relação de Auta de Souza com o espiritismo. Interessante que, neste relato, Auta de Souza é colocada lado a lado com o Padre João Maria, ambos, no “plano celeste”, teriam um escola de aprimoramento de espíritos inferiores.

²¹ Luiz Fernandes, Op. cit.

²² Citado por Luiz Fernandes, Op. cit., p. 113.

²³ Manoel Rodrigues de Mello (1976-77).

falou até hoje sobre as origens africanas de Auta de Souza. Pode-se mesmo dizer que, no plano imaginário, ocorreu uma espécie de “embranquecimento” da poeta.

Outro caso de participação de Auta de Souza em manifestações de cunho político seria sua possível assinatura numa moção de solidariedade e protesto, escrita por literatos de Natal, em favor da carta aberta redigida em 1898 por Émile Zola. Carta ao presidente francês, em favor do oficial francês Alfred Dreyfus, acusado de espionagem para a Alemanha. Em função dessa carta, o escritor foi condenado a um ano de prisão.²⁴ Como bem colocou Luís da Câmara Cascudo, se Auta de Souza realmente assinou esse manifesto, pode-se considerar um ato de independência intelectual da poeta. Afinal, disse Cascudo, Dreyfus era judeu, Zola, *persona non-grata* para a Santa Sé, e Auta de Souza, uma católica convicta.

No mesmo período, por volta de 1898, Auta de Souza fechou o seu segundo manuscrito intitulado *Horto*, sendo que, no mínimo, dezesseis dos 114 poemas ali expostos haviam sido publicados antes, já que no manuscrito eles aparecem como recortes de publicações, coladas às folhas do caderno. São eles: *Cores*, *No álbum de Eugênia*, *Cantai*, *De longe*, *O que são estrelas*, *Bohemias*, *Ciúme*, *Versos à Inah*, *Consolo Supremo*, *Na primeira página da Imitação de Cristo*, *Crianças*, *Renascimento*, *Flor do Campo*, *Adeus gentil*, *Falando ao coração* e *Mimo de anos*.²⁵

O LIVRO HORTO E O MANUSCRITO DHÁLIAS

Em 1899, Auta de Souza estava com o manuscrito *Horto* pronto para publicação. Um leitor qualificado fez sua leitura cuidadosa e teceu-lhe considerações. Algumas a poeta acatou em sua revisão final, outras não. Eram as anotações críticas do gaúcho Artur Pinto da Rocha, colega de legislatura federal de Eloy de Souza, que, segundo Câmara Cascudo, deparou-se com o manuscrito no quarto que dividiam no Rio de Janeiro. O manuscrito estava com Eloy para ser entregue a Olavo Bilac, para este prefaciá-lo. A idéia do prefaciador partira de Henrique Castriciano, sugerida insistentemente à irmã até que ela a aceitasse.

Horto foi publicado em 20 de junho de 1900, trazendo o prefácio de Olavo Bilac. Compunha-se de 232 páginas, trazia 114 poemas, numa tiragem de mil exemplares.

O prefácio de Olavo Bilac à 1ª edição do *Horto* foi e tem sido, ao longo de todos esses mais de cem anos de sua publicação, motivo de grande orgulho para muitos dos comentadores da obra de Auta de Souza. Aliás, não só para estes, como para todos que buscam argumentos fortes para reforçar a importância da poeta entre as letras femininas brasileiras.

²⁴ Foi Luís da Câmara Cascudo (1961, p.81) quem noticiou a possível assinatura de Auta de Souza nesta moção, embora segundo o autor, tenha procurado mas não encontrado provas documentais do fato.

²⁵ Cf. consulta ao referido manuscrito (Auta de Souza, 1898).

Esse prefácio pode ter sido oportuno para uma poeta desconhecida nos grandes centros intelectuais da época, uma poeta que estava começando sua vida de escritora. Mas hoje, Auta de Souza, não precisa mais de prefaciadores que confirmam notoriedade ao seu trabalho, como era muito comum no século XIX.²⁶ Muito embora a notoriedade que o prefácio de Bilac ofereceu tenha sido questionada por alguns comentadores da poeta.²⁷ Hoje o quadro está se modificando. Pesquisas realizadas em torno do resgate da história de mulheres, entre elas escritoras, mostram o brilhantismo de diversas oitocentistas que, até bem pouco tempo, permaneceram esquecidas devido ao sexismo da crítica.²⁸

Após o falecimento de Auta de Souza, em 1901, o *Horto* contou ainda com mais quatro edições (1910, 1936, 1970 e 2000). A segunda, organizada por Henrique Castriciano, trouxe uma *Nota* por ele escrita, que se transformou em espécie de emblema biográfico da poeta. Além desse texto, ganhou também mais dezessete poemas, até então inéditos, retirados por seu irmão do manuscrito *Dhálías*. Foi Henrique Castriciano quem levou o livro para ser impresso em Paris, na tipografia *Aillaud, Alves e Cia*, aproveitando uma viagem de pesquisa e tratamento de saúde.²⁹ A terceira edição, de 1936, foi impressa no Rio de Janeiro, na Tipografia Batista de Souza. Contou com um prefácio novo, escrito por Alceu Amoroso Lima. Mas os poemas apresentados tanto na terceira como na quarta edições foram reproduzidos tal e qual aparecem na segunda edição, modificada somente a ordem de apresentação de alguns deles. O mesmo aconteceu com a quarta edição, publicada em 1970 pela *Fundação José Augusto*, de Natal. Em junho de 2000, em comemoração aos cem anos do *Horto*, foi publicada a quinta edição, agora pela Editora Auta de Souza, da Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, de Taguatinga (DF).

Em 1961, Luís da Câmara Cascudo, baseando-se também num texto inédito de Eloy de Souza, posteriormente publicado sob o título de *Memórias*,³⁰ pesquisa a vida e a obra da poeta e lhe escreve uma biografia, a bastante conhecida *Vida breve de Auta de Souza 1876-1901*.³¹ Neste trabalho, Cascudo apresentou mais dez poemas que, como fizera Henrique Castriciano em 1910, também retirou do manuscrito *Dhálías*. Alguns já haviam sido publicados na imprensa, outros não. São eles: *A volta do sertão*, *Força do destino*, *À....*, *Meu coração*, *Extinto*, *Reminiscência*, *A beira do mar*, *Vem explicar-me uma cousa* e *Visita a um túmulo*. Trouxe também o poema *Recuerdo* na sua íntegra. Esse poema havia sido publicado no *Horto* apenas com as três primeiras estrofes, sendo suprimidas as

²⁶ Cf. Bárbara Heller (1990).

²⁷ Sobre isso consultar: Mário Linhares (1938), José Rodrigues de Carvalho (1900), Jackson de Figueiredo (1924), José Valdivino (1956) e Moacyr Porto (1981).

²⁸ Acerca do assunto, quanto a escritoras brasileiras oitocentistas, consultar a antologia crítica organizada por Zahidé L. Muzart (1999).

²⁹ Cf. Luís da Câmara Cascudo, 1965.

³⁰ Eloy de Souza, 1975.

³¹ Luís da Câmara Cascudo, 1961.

onze restantes que aparecem no manuscrito *Dhálias*.³² Estes poemas que Cascudo extraiu do *Dhálias* não figuraram na quarta edição do *Horto*. Se não foram inseridos por não fazer parte do *Horto*, como originalmente Auta de Souza o concebeu, por que então aqueles que Henrique Castriciano inseriu a partir do *Dhálias* continuaram a figurar em todas as edições posteriores à segunda, sem que houvesse tal questionamento? Creio que é preciso chegar a um acordo sobre o assunto, e, se necessário, publicar algo como *Obras reunidas de Auta de Souza*, em que poderiam ser incluídos todos os seus poemas: os do *Horto*, os do *Dhálias* (aqueles que não apareceram no *Horto*) e outros mais que porventura viessem a ser descobertos.

Em nova consulta ao manuscrito *Dhálias*, encontrei mais sete poemas que não apareceram em qualquer uma das edições do livro *Horto*. Desconhecendo a existência de publicação desses poemas na imprensa, suponho tratar-se de poemas inéditos. São eles: *Minha mãe*, *Jesus*, *Quadras*, *Pelos pobrezinhos*, *A noiva*, *No cemitério* e *A monja*.³³ Há ainda três poemas do *Dhálias* que podem confundir o leitor, pois foram publicados no *Horto* apenas com mudança de título, dando margem a se pensar que tratar-se-iam de poemas igualmente inéditos. São eles: *Mágoas*, *À luz do seu olhar* e *Saudade do Céu*. Excetuando-se algumas pequenas alterações de palavras utilizadas e construção de orações, *Mágoas* é o mesmo poema que no *Horto* aparece intitulado *À Júlia*, que já é um dos que Henrique Castriciano de Souza publicou em primeira mão na 2ª edição do *Horto*, de 1910, o que gera a suspeita de que foi ele quem fez as alterações.³⁴

No livro *Horto*, o poema originalmente intitulado *À luz de seu olhar* aparece com o título *Olhos de santa*, e num de seus versos há diferenças no texto.³⁵ O poema *Saudade do Céu* vem com este título no manuscrito *Dhálias*, sobre o nome riscado *Dolentes*. Muito do que consta nele foi usado em outros dois que aparecem no livro *Horto*, no *Aonde vai a lágrima* e no *Chorando*.³⁶

O FALECIMENTO E AS HOMENAGENS PÓSTUMAS

O percurso intelectual de Auta de Souza chegou cedo ao fim, antes da publicação do *Horto* completar seis meses, a 7 de fevereiro de 1901, quando a poeta faleceu na casa de seus irmãos Henrique e Eloy, na rua Dr. Barata, em

³² Sobre esses poemas, consultar Luís da Câmara Cascudo, 1961, p. 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 95, 133-5. Para confrontar com o manuscrito *Dhálias*, verificar Auta de Souza, 1893-1897, p. 123, 125, 105, 121-2, 85, 136, 20, 135, 111-4, 79-82.

³³ Cf. Auta de Souza, 1893-1897, p. 83, 104, 117, 128-30, 131, 132-3, 139. Aproveitando a entrevista sobre minha tese, que concedi ao *Diário de Natal*, em junho de 2000, o jornal publicou o poema *Quadras*. Outro publicado foi o poema *No Cemitério*, na *Revista Cronos* (2001, v.2, n.1, p. 153).

³⁴ No *Dhálias* (Auta de Souza, 1893-1897, p. 118-9).

³⁵ Cf. consulta ao *Dhálias* (Auta de Souza, 1893-1897, p. 153-4) em confronto com o *Horto* (Auta de Souza, 1970, p. 94).

³⁶ Auta de Souza (1893-1897, p. 179-81).

Natal. No enterro, realizado no Cemitério do Alecrim, em Natal, discursaram representantes da comunidade e intelectualidade local, dirigentes e colaboradores de jornais e associações literárias: Pedro Avelino, em nome e por delegação do *Grêmio Polymathico*, Manoel Dantas, pela redação de *A República*, Ezequiel Wanderley, em nome do *Congresso Litterário*, Galdino Filho pelo *Grêmio Le Monde Marche*.³⁷ Da parte da família Maranhão, Pedro Velho, então senador, teria levantado o véu que cobria o rosto da poeta em seu esquife, beijando-lhe as faces.³⁸ Houve muitas homenagens em memória da poeta por parte das agremiações a que pertencera. O *Le Monde Marche* suspendeu os trabalhos sociais por trinta dias. *Oásis* fez luto de oito dias, deixando o pavilhão nacional hasteado em frente ao edifício da sua tipografia.³⁹

Após a morte da poeta, os manuscritos *Dhálías* e *Horto* ficaram com Henrique Castriciano de Souza e, anos após seu falecimento (em 1947), tal como o desejo por ele externado em vida, passaram para as mãos de Noilde Ramalho, diretora da Escola Doméstica de Natal, da qual foi fundador. Noilde Ramalho continua diretora dessa escola, tendo sido aluna de Henrique Castriciano e sua grande admiradora. Cuidadosamente guardados, na Escola Doméstica os manuscritos de Auta permanecem até hoje, como também um exemplar de cada uma das quatro edições do *Horto*.⁴⁰

Em 1904, exumaram os restos mortais da poeta e levaram-nos para a Igreja Matriz de Macaíba, onde os ossos foram colocados no jazigo da família na parede da Igreja, lá ainda se encontrando. Em 1951, por proposta de Paulo Pinheiro Viveiros, então presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, foi feita uma lápide para a poeta trazendo versos seus: “Longe da mágoa, enfim no céu repousa/ Quem sofreu muito e quem amou demais”. Trata-se de uma lápide que significa também o resultado de uma disputa entre representações sobre a poeta, estando de um lado, seu irmão Henrique Castriciano de Souza e, de outro, Luís da Câmara Cascudo. Quarenta e dois anos após a morte de Auta de Souza, Cascudo fez um apelo à intelectualidade do estado propugnando a idéia da necessidade de uma lápide para Auta de Souza.⁴¹ Na época, o texto não foi bem recebido pelo irmão da poeta, Henrique Castriciano de Souza. Cartas entre os dois foram trocadas, sendo o conteúdo delas muito sugestivo. Câmara Cascudo estava convicto de que o poema *Ao pé do túmulo* de Auta de Souza, expressava o desejo da poeta acerca do que escrever em sua lápide. Dizia-se inconformado

³⁷ Cf. Luís da Câmara Cascudo, op. cit. , Pedro Avelino (1901a , b), Manoel Dantas (1901a , b, c),Galdino Filho (1901), Lima Filho (1901a , 1901 b), Ezequiel Wanderley (1901 a, 1901 b).

³⁸ Gumercindo Saraiva, 1960.

³⁹ Luís da Câmara Cascudo, op. cit. , p. 173.

⁴⁰ Graças à sensibilidade de Noilde Ramalho para com a importância de estudos sobre Auta de Souza, pude consultar os manuscritos da poeta e todas as edições do livro juntas (Auta de Souza, 1900, 1910, 1936, 1970). Devido ao seu envelhecimento natural, os manuscritos, carecem de uma edição *fac-símile*. Do mesmo modo, pela raridade dos exemplares, as quatro edições do *Horto* mereciam ser microfilmadas. Noilde Ramalho tem conhecimento da situação, mas para a realização destes projetos aguarda uma oportunidade que garanta a segurança destes preciosos documentos.

⁴¹ Em artigo de 23 de fevereiro de 1943, publicado no jornal *A República* sob o título “É a maior poetisa mística do Brasil”. (Cf. Luís da Câmara Cascudo, op. cit., p. 91-2).

com o anonimato em que se depositavam seus restos mortais “Não figura as letras do seu nome na lápide. Não mereceu um epitáfio. Não possui um túmulo”. E a resposta de Henrique Castriciano foi impassível: “Auta está sepultada entre os seus, no anonimato coletivo que sempre desejou e pediu. Os que conheceram de perto essa doce criatura, sabem que nunca sonhou, na sua humildade cristã, senão a felicidade da morte na sepultura comum dos que lhe foram caros” . Com a aposição da lápide, venceu Câmara Cascudo quando Henrique Castriciano não estava mais presente para enfrentar suas idéias. Nem por isso a indagação acerca de *quem foi* ou *o que quis* Auta de Souza perdeu sentido. Aliás, esta interrogação precisa continuar existindo sempre, para que continue sendo possível deixar-nos surpreender por sua poesia e pela mulher que ela mostrou ter sido.

POEMAS MUSICADOS

Outro aspecto importantíssimo da obra de Auta de Souza diz respeito a poemas seus que foram musicados por compositores regionais e transmitidos oralmente de uma geração para outra, desde o final do século XIX até hoje. Sem considerar aqueles que foram e vêm sendo musicados mais recentemente, e que não tiveram esta vinculação com a tradição oral, tem-se conhecimento da existência de quatorze deles, somando dezesseis ao considerar-se que um deles, *Caminho do sertão*, conta com três versões melódicas diferentes. Algumas destas canções ficaram conhecidas de norte a sul do país, chegando também a Portugal. Integrariam esse cancioneiro de Auta de Souza os seguintes poemas musicados: *Caminho do sertão*, *Teus anos*, *Desalento*, *Agonia do coração*, *Ao cair da noite*, *Ao luar*, *Meu pai*, *Nunca mais*, *Olhos azuis*, *Palavras tristes*, *Regina Coeli*, *À Eugênia*, *Meu sonho*⁴², *Rezando (Róseo Menino)*.⁴³

Embora ainda vivo na memória de uns poucos personagens de um tempo saudoso, o cancioneiro de Auta de Souza permaneceu até agora praticamente inédito, tanto no âmbito do registro musical em partitura, como da produção fonográfica. Tomei conhecimento de sua existência através da dissertação de mestrado sobre Auta de Souza, de autoria da norte-rio-grandense Nalba de Souza Leão, defendida em 1986.⁴⁴ Nesse estudo, Nalba relata o contato tido com o historiador da música Cláudio Galvão que, desde aquela época, já vinha preparando para publicação um livro sobre a modinha norte-rio-grandense, no qual constariam informações alusivas aos poemas musicados de Auta de Souza.

⁴² Em minha tese consta erroneamente o poema *Um sonho* no lugar do poema *Meu sonho*. Erro verificado também na própria fonte consultada, ao passar-me a informação por escrito.

⁴³ Cf. Cláudio Augusto Galvão, 2000, p. 69,106, 109, 115, 124, 155,156, 157, 164, 166, 169, 171, 173, 314, 324, 331.

⁴⁴ Trabalho excelente, com uma sistematização competentíssima sobre a fortuna crítica da poeta. Aliás, traz uma análise muito interessante sobre a influência trovadoresca no cancioneiro de Auta de Souza. Sobre o trovadorismo, consultar Maussaud Moisés (1986).

Em 2000 o pesquisador publicou o livro esperado, no qual apresenta a documentação de pesquisa sobre uma vasta coletânea de modinhas potiguaras, com seus respectivos registros musicais.⁴⁵ Entre essas modinhas, aquelas integrantes do cancioneiro de Auta de Souza. Trata-se de uma pesquisa em fontes orais, bibliográficas e documentais, tendo sido entrevistadas pessoas que ainda se lembravam delas e, posteriormente, feito um registro musical das mesmas pelo próprio pesquisador - que também é músico e compositor. O livro específico sobre o cancioneiro de Auta de Souza foi publicado no ano seguinte (2001) e lançado nas comemorações macaibenses do centenário de morte da poeta.⁴⁶

Com a publicação dessa pesquisa de Cláudio Galvão ganhou-se um importante registro escrito, o que paradoxalmente contribui para a recorrente transmissão oral, sempre sujeita a novas recriações. E é justamente a diversidade de recriações pela oralidade, que já ocorreram ao longo de toda a vida do cancioneiro, que podem ser expressas em diferentes produções em áudio, revelando a própria diversidade cultural que o cancioneiro faz ressoar.

Há vinte anos o norte-rio-grandense Gumercindo Saraiva, historiador da música, indiretamente já atentava para o fato: "A Universidade Federal do Rio Grande do Norte ou a Fundação José Augusto bem poderiam organizar em 'cassete', ou de outra maneira uma preciosidade ligada à musicalidade de nossa terra"⁴⁷. Até onde se sabe, apenas dois poemas musicados contaram com registro fonográfico.⁴⁸

Dentre os compositores que musicaram poemas de Auta de Souza, estão Abdon Álvares Trigueiro, Cirilo Lopes, Eduardo Medeiros, Heronides de França, Cirineu Joaquim de Vasconcelos.⁴⁹

Entre os mais velhos que ainda guardam na memória as canções de Auta de Souza, em Macaíba, encontram-se Isaura Alves do Nascimento, Janete Ribeiro Dantas e Estefânia Freitas Duarte. Em Natal, Alba Lima de Souza e sua filha Nalba de Souza Leão também documentam oralmente algumas modinhas. O

⁴⁵ Cláudio Augusto Galvão (2000)

⁴⁶ Idem, (2001).

⁴⁷ Gumercindo Saraiva, 1979/80. Consultar também, idem (1960, 1976)

⁴⁸ Tratam-se de *Rezando* e *Caminho do Sertão*. O primeiro foi registrado em disco de vinil na coleção *Fontes Culturais da Música em Goiás*. Já uma das versões de *Caminho do sertão* foi gravada pelo *Projeto Memória* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em disco de vinil, na década de oitenta. A primeira gravação dessa canção estaria no *Arquivo Almirante* do *Museu da Imagem e do Som*, no Rio de Janeiro, integrando o registro das músicas premiadas no concurso promovido pelo Governo do Rio Grande do Norte em 1922 (Cláudio Augusto Galvão, citado por Nalba Leão, p. 10-1). No CD intitulado *Madrigal*, produzido nos anos noventa pela mesma universidade, encontra-se outra versão da música, somente instrumental, não estando, portanto, acompanhado da letra da composição, que é justamente de autoria de Auta de Souza. Tive notícias de que Cláudio Galvão disponibilizou ou disponibilizará as fitas cassete de sua pesquisa, que documentam registros orais do cancioneiro, para consulta pública.

⁴⁹ Cláudio Augusto Galvão, 2000.

nome de outras pessoas vivas e mortas que conheciam e divulgaram tais canções aparece nos livros de Cláudio Galvão alusivos ao cancionero.⁵⁰

Segundo Palmira Wanderley, uma das ocupantes da cadeira da qual Auta de Souza é patrona na Academia Norte-rio-grandense de Letras, a poeta chegou a conhecer algumas dessas modinhas já no final de sua vida.⁵¹ O poema *Agonia do coração* foi musicado por volta de 1897, quando Auta ainda era viva.⁵² Gumercindo Saraiva acreditava que os poemas de Auta de Souza tinham o poder de popularizar aqueles que os musicavam.⁵³

Um dos primeiros estudiosos da cultura a divulgar a existência destes poemas musicados para o restante do país foi Mário de Andrade, em seu livro *Um turista aprendiz*, no depoimento sobre sua viagem a Natal na década de vinte, assim falando das canções:

Hoje estou gozando a vida na Redinha [praia de Natal] ...Chega um choro, clarineta, violões, ganzá, numa série deliciosa de sambas, maxixes, valsas de origem pura, eu na rede, tempo passando sem dizer nada. Modinhas de Ferreira Itajubá e Auta de Souza ... A boca da noite se abriu sem a gente sentir .⁵⁴

Nos anos sessenta é Luís da Câmara Cascudo quem, na biografia que lhe escreveu, não deixa de fazer alusão aos poemas musicados dela. Outros intelectuais do Rio Grande do Norte, como a escritora Palmira Wanderley e a professora universitária Nalba de Souza Leão, não esqueceram daquelas canções que fizeram parte de sua memória de infância, como pode ser observado no depoimento da primeira:

Ouvi cantar [Desalento] desde menina, quando minha mãe acalentava os manos pequeninos, na hora de adormecer. E, a música me ficou nos ouvidos, como um embalo maternal, suave lembrança da meninice. E os versos se gravaram na minha alma como se um raio da noite constelada rasgasse a treva de um mau destino.⁵⁵

A também professora universitária e pesquisadora Zahidé Muzart escutou o poema musicado que ficou conhecido como *Róseo Menino* (do poema intitulado *Rezando*) no colégio de freiras em que estudou quando menina no Rio Grande do Sul.⁵⁶

Em 1997, conversando com Nalba Leão, na casa de sua família em Búzios (RN), ela contou-me que as modinhas de Auta de Souza foram cantadas e tocadas por boa parte da família. O pai se emocionava ao cantá-las, a avó a embalava cantando-as, o avô seresteiro Evaristo de Souza as executava ao

⁵⁰ Consultar Cláudio Augusto Galvão, 2000; 2001.

⁵¹ Palmira Wanderley, 1956, p. 16.

⁵² Ibidem e Luís da Câmara Cascudo, 1961.

⁵³ Gumercindo Saraiva, 1960, p. 118-9. Nalba Leão (1986) já comentara o fato.

⁵⁴ Mário de Andrade, 1976, p. 255-6.

⁵⁵ Palmira Wanderley, op. cit., p. 16.

⁵⁶ Cf. Muzart (1992).

violão. A mãe, Alba Lima de Souza, antes de casada adorava tocá-las e cantá-las. Presente durante minha conversa com sua filha, depois, Alba Lima confidenciou-me, fazendo troça da vida de casada, que teria trocado “o violão pelo fogão”. Para ela e Nalba Leão, as canções de Auta de Souza faziam lembrar momentos saudosos da intimidade familiar, serviam também para reavivar a memória. Lembranças guardadas em algum baú do passado se revigoravam naqueles breves momentos de nostalgia enquanto cantavam algumas passagens das modinhas para eu ouvir e gravar em fita cassete.

Isaura Alves do Nascimento, Janete Ribeiro Dantas e Estefânia Freitas Duarte, senhoras de Macaíba, quando me receberam em suas casas em fevereiro de 1997, a meu pedido cantaram o que se lembravam das modinhas de Auta de Souza. Muitas vezes a memória só trazia pequenos trechos, mas que já eram suficientes para todos os presentes se emocionarem. Cada qual aprendeu as modinhas de um modo, no seio da própria família, na Escola Auta de Souza onde estudaram ou lecionaram, ou nas festividades locais onde eram cantadas até há algumas décadas atrás.

As diversas celebrações do centenário de publicação do *Horto* (20 de junho de 2000) e do centenário de aniversário de morte da poeta (7 de fevereiro de 2001), bem como todas as atuais publicações e alusões na imprensa à existência do cancionero têm contribuído para reavivar os poemas musicados de Auta de Souza, dando-os a conhecer àqueles que ignoravam sua existência, ou que sabiam dela mas ainda não os tinham ouvido em música. Aconteceu em Macaíba, a 7 de fevereiro de 2001; em Natal, na Escola Doméstica, em 29 de setembro de 2000, por ocasião do lançamento da quinta edição do livro *Horto*; e no Tribunal Regional do Trabalho, também em Natal, nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, quando houve um painel sobre Auta de Souza e Nísia Floresta.⁵⁷ Além desses, é bem provável que poemas musicados de Auta de Souza tenham sido cantados em ainda outros eventos recentes dos quais não tomei conhecimento.

POEMAS PSICOGRAFADOS E ORIENTAÇÕES ESPIRITUAIS

Além de seus poemas e de seu cancionero, Auta de Souza é conhecida também como uma grande mentora espiritual. Para os seguidores do espiritismo kardecista, que no Brasil hoje somam aproximadamente um milhão e meio de praticantes, a poeta é tida como um espírito superior que atuaria no “plano celeste” enquanto mentora e protetora espiritual.

Os centros espíritas e obras de assistência kardecista que levam o nome de Auta de Souza são inúmeros, não só no Rio Grande do Norte, mas por todo o

⁵⁷ Participei do evento como um dos painelistas, juntamente com Diógenes da Cunha Lima, poeta e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras; Diva Cunha, poeta, professora e pesquisadora da literatura feminina potiguar e Vicente Serejo, jornalista, professor e membro da mesma academia.

país. Geralmente o praticante fica conhecendo Auta de Souza por intermédio dos poemas divulgados como psicografias, entendidas pelos kardecistas como mensagens “ditadas” pelo “espírito desencarnado” da poeta e transmitidas para os “espíritos encarnados” por meio de um “médium” que as transcreve para o papel no ato do recebimento.⁵⁸

O primeiro depoimento sobre um contato mediúnico com o “espírito desencarnado” de Auta de Souza veio do mais famoso e reconhecido médium brasileiro, Francisco de Souza Xavier, autor de aproximadamente 400 livros, constituindo-se no principal responsável pelos campeões de venda editados pela Federação Espírita Brasileira.

Os primeiros poemas atribuídos como mensagens de Auta de Souza psicografadas por esse médium foram publicados no livro *Parnaso de Além Túmulo*, de 1932, lançado pela Federação Espírita Brasileira, no qual o nome de Auta de Souza figura ao lado de outros tantos importantes poetas mortos, que também teriam “ditado” poemas do além.

Muitos poemas que Francisco Xavier atribuiu ao “ditado” do “espírito desencarnado” de Auta de Souza e publicou em seus livros de psicografias diversas, foram compilados no livro intitulado *Auta de Souza*, publicado pelo Instituto de Difusão Espírita de São Paulo em 1991.⁵⁹

Outros médiuns também psicografaram poemas atribuídos ao “ditado” do “espírito desencarnado” de Auta de Souza. É o caso do médium de Macaíba, Manoel Nazareno, que também publicou um livro da mesma natureza.⁶⁰

Depoimento sobre a comunicação estabelecida pela poeta desencarnada através dessas mensagens psicográficas é encontrado na *Revista Auta de Souza*, edição de 1991, publicada pela Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, com sede em Tabatinga - DF.

Em 1956, por iniciativa do kardecista Nympho Correia, surgiu na cidade de São Paulo a Campanha de Fraternidade Auta de Souza, que acontece até hoje, cada ano num local do país, reunindo fiéis de diversas procedências. Segundo seu

⁵⁸ Psicografia é um termo que faz parte do vocabulário kardecista, fazendo alusão à comunicação dos espíritos por meio da escrita. O médium é o mediador da mensagem. Um texto psicografado é portanto uma mensagem “ditada” por alguém que já morreu, que passou da situação de “espírito encarnado” para “espírito desencarnado”. Acerca do posicionamento da crítica literária brasileira em relação à literatura espírita, é interessante consultar o artigo de Cláudio Bertolli Filho (1997).

⁵⁹ Conforme o informado no próprio livro, até a publicação desta compilação de Francisco Cândido Xavier (1991), dos 89 poemas e 27 trovas, 32 poemas e 4 trovas já apareceram nos seguintes livros espíritas: *Lira imortal*, *Parnaso de além-túmulo*, *Lindos casos de Chico Xavier*, *Poetas redivivos*, *Recanto de paz*, *Campanha da fraternidade Auta de Souza*, *Relicário de luz*, *Trinta anos com Chico Xavier*, *Através do tempo*, *Cartas do coração*, *Antologia dos imortais*, *Antologia mediúnica de Natal*, *Mãe (antologia)*, *Taça de luz*, *Correio fraterno*, *À luz da oração*, *Instruções psicofônicas*, *Chico Xavier pede licença*, *Chão de flores*, *Trovas do mais além*, *Rosas com amor*, *Astronautas do além e Orvalho de luz*.

⁶⁰ Ver Manoel Nazareno (1992).

fundador, atualmente presidente da Federação Brasileira de Espiritismo, a campanha recebeu o nome da poeta porque teria sido ela sua incentivadora no plano celeste, o que ele ficou sabendo por meio do médium Francisco Xavier. A campanha seria monitorada pelo “espírito desencarnado” de Auta de Souza e destinava-se tanto a colher doações – mantimentos e roupas usadas para os mais necessitados - quanto a incitar ações de evangelização.

Há ainda uma editora, um jornal e uma revista espírita com o nome da poeta, além de inúmeras instituições de assistência espírita e centros kardecistas espalhados pelo país que levam seu nome, ou que a têm como protetora espiritual. Nas comemorações dos cem anos do livro *Horto*, em junho de 2000, os kardecistas se adiantaram à academia e às instituições de cultura lançando mais uma publicação do livro, após trinta anos da última.⁶¹

NOTÍCIAS DA FAMÍLIA HOJE

A família de Auta de Souza deixou poucos descendentes. De seus quatro irmãos, o único que teve filhos foi João Cândio Rodrigues de Souza. Em 1961, no *Vida breve de Auta de Souza*, Câmara Cascudo faz este mesmo comentário, mas não dá pistas sobre tais descendentes. Graças à diretora da Escola Doméstica de Natal, professora Noilde Ramalho, soube da existência de duas sobrinhas de Auta de Souza ainda vivas, filhas daquele irmão.

Fui conhecê-las no Recife, onde vivem. Trata-se de Auta de Souza Nascimento e Elza Moraes, a primeira casada com filhos e, a última, viúva, também com filhos. A artista plástica Maria Lúcia Zarzar, filha de Elza Moraes, mediou contatos com as irmãs que, devido à idade avançada, nem sempre estão disponíveis para conversas sobre a família. Falar sobre o pai, os tios, a vida da infância é coisa que emociona. Nenhuma das duas conheceu a tia poeta Auta de Souza, nasceram após seu falecimento, mas conheceram os tios Henrique Castriciano de Souza e Eloy de Souza e a família deste. Chegaram a conhecer também a tia-avó Maria Concórdia e Mercês (irmã de criação desta). Até nosso encontro não sabiam da existência do cancionista de Auta de Souza.

Na visita que fiz a Elza Moraes, uma pastinha de papelão verde com meu nome escrito me aguardava. Continha uma fotocópia de um texto inédito de Auta de Souza, intitulado *Phantasia*, possivelmente um esboço de um escrito por ser trabalhado. Junto, estavam também duas fotocópias de pinturas que, até onde ela e Maria Lúcia sabiam, teriam sido feitas pela tia poeta. Não traziam mais a assinatura de Auta de Souza, acreditando-se que alguém da família tenha recortado por descuido.

⁶¹ Consultar Auta de Souza (2000).

Esporadicamente, mantenho contato com Maria Lúcia Zarzar, sobrinha neta de Auta de Souza, transmitindo notícias sobre eventos alusivos às celebrações do centenário ou sobre o que tem sido publicado a respeito de Auta de Souza. Vale notar que, talvez pelo fato de viver no Recife, essa parte da família da poeta ficou praticamente desconhecida dos comentadores por todos esses anos. Ao mesmo tempo, mesmo Câmara Cascudo que tinha conhecimento de sua existência, não foi procurá-la. Muito provavelmente porque sua relação com Henrique Castriciano e Eloy de Souza era tão próxima que entendeu não haver necessidade do depoimento oral de sobrinhas que nem sequer conheceram a tia poeta. Mas hoje, é esta parte da família que traz os poucos resquícios da memória oral sobre a família da poeta.

COMENTADORES E REPRESENTAÇÕES RECORRENTES

Desde sua morte, a querida poeta potiguar dos Oitocentos começava a simbolizar um certo ideal de mulher, um certo ideal de poesia. Passava do mundo dos vivos para o mundo vivo das idéias.

Dentre os comentadores de sua obra, consultei uma parcela significativa: o Prefácio de Olavo Bilac para a 1ª edição do *Horto* (1900); o artigo de José Rodrigues de Carvalho, na Revista da Academia Cearense de Letras, em 1900; a Nota de Henrique Castriciano para a 2ª edição do *Horto* (de 1910); o artigo de Nestor Victor, publicado no Rio de Janeiro, em 1911 (e depois transformado em livro em 1919); a conferência de Leal de Souza realizada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1914 (e publicada em 1918); o artigo de Perillo Gomes, no livro *Ensaio de Crítica Doutrinária*, de 1923; o livro de Jackson de Figueiredo, especificamente sobre Auta de Souza, de 1924, publicado pelo Centro Dom Vidal; o artigo de Tasso da Silveira, publicado na *Revista Terra de Sol*, do Rio de Janeiro, em 1924; o artigo de Murillo Araújo, publicado na *Revista Souza Cruz*, do Rio de Janeiro, em 1925; o Prefácio à 3ª edição do *Horto*, de Alceu Amoroso Lima, de 1936; o artigo de Mário Linhares, em seu livro *Poetas esquecidos*, publicado no Rio de Janeiro, em 1936; o artigo de Nataércia Freire, publicado pela Revista Luso-Brasileira do Rio de Janeiro, edição conjunta com Lisboa, de 1950; o artigo de José Valdivino, publicado na Revista da Academia Cearense de Letras, em 1955; o discurso de posse de Palmira Wanderley na Academia Norte-riograndense de Letras, na cadeira em que Auta de Souza é patrona, publicado na revista desta academia em 1956; o livro *Vida Breve de Auta de Souza: 1876-1901*, escrito por Luís da Câmara Cascudo, e publicado em 1961 no Recife, pela Imprensa Oficial; o prefácio a este livro de Câmara Cascudo, de Edgar Barbosa; um artigo de Jandira Carvalho, publicado na revista da *Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno*, de Fortaleza, em 1971 (texto escrito em 1950, e então publicado na *Revista Jangada*); o primeiro capítulo do livro *Memórias*, de Eloy de Souza, publicado postumamente em 1975, do qual Câmara Cascudo tirou muitas das informações que apresentou no *Vida Breve ...* sem que isso se fizesse constar em nota ou na referência bibliográfica; o artigo de Veríssimo de Melo, publicado em

1972, no livro *Patronos e Acadêmicos*; o artigo de José Melquíades, numa edição especial da *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*, em comemoração ao 40º aniversário de sua fundação, em 1976, no centenário de nascimento de Auta de Souza; o livro de Silvan Pessoa e Silva, denominado *Macaíba e Auta de Souza*, em 1976; o artigo de Manoel Rodrigues de Melo, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, em 1976, fruto da palestra proferida na mesma entidade pelo centenário de nascimento de Auta de Souza; o artigo de Henrique L. Alves, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, anos 1979-80; o discurso de saudação do escritor e acadêmico Moacyr Porto, em 1981, quando empossado para ocupar a cadeira número 20 na Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual a poeta é patrona; a palestra de Monsenhor Primo Vieira, proferida em 1983 no *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, e publicada, no mesmo ano, na *Revista de Estudos e Comunicações da Sociedade Visconde de São Leopoldo*, de Santos (SP); a dissertação de mestrado de Nalba Lima de Souza Leão, defendida em 1986 no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina; o livro de Diniz Ferreira da Cruz, membro da Academia Santista de Letras, de 1991; o artigo de Zahidé L. Muzart, publicado em 1992 na *Revista Travessia*, do Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina; o artigo de Diva Cunha Pereira de Macedo, publicado em 1994 no livro *Mulher e literatura no Rio Grande do Norte*, publicado pela UFRN/CCHLA; entre outras consultas a antologias e compêndios tradicionais, como o de Otto Maria Carpeaux, Mausaud Moisés e Alfredo Bosi.⁶²

Essa lista de autores e respectivos textos aparecem aqui sobretudo para oferecer ao leitor uma idéia da quantidade de artigos que foram escritos sobre a poeta, e por nomes não pouco expressivos, sejam do Rio Grande do Norte, sejam de outras partes do país.

Nalba de Souza Leão (1986), na sua “fortuna crítica” sobre Auta de Souza, oferece ainda mais nomes, como J. A. Correia de Araújo, Zeferino Arruda, Leodegário de Azevedo Filho, Manuel Bandeira e Edgard Cabalheiro, Hildebrando Campestrini, Rodrigues Carvalho, Luís da Câmara Cascudo (de 1941, 1943, 1982), Afonso Celso, Jacinto do Prado Coelho/ Antonio Soares Amora e Ernesto Guerra Dacal (org.), Leôncio Correia, Policarpo Feitosa, Carlos Fernandes, Sebastião Fernandes, Péricles E. da Silva Ramos, Marques Rebelo, Álvaro Marinho Rego, Wagner Ribeiro, Nelson Werneck Sodré, Hênio Tavares e Rômulo Wanderley.

⁶² Olavo Bilac (1970), José Rodrigues de Carvalho (1900), Henrique Castriciano de Souza (1970), Nestor Victor (1911), Leal de Souza (1914), Perillo Gomes (1923), Jackson de Figueiredo (1924), Tasso da Silveira (1924), Murillo Araújo (1925), Alceu Amoroso Lima (1970), Mário Linhares (1936), Nataércia Freire (1950), José Valdivino (1955), Palmira Wanderley (1956), Luís da Câmara Cascudo (1961), Edgar Barbosa (1961), Jandira Carvalho (1971), Veríssimo de Melo (1972), José Melquíades (1976), Silvan Pessoa e Silva (1976), Manoel Rodrigues de Melo (1976), Henrique L. Alves (1979-80), Moacyr Porto (1981), Mons. Primo Vieira (1983), Nalba de Souza Leão (1986), Diniz Ferreira da Cruz (1991), Zahidé L. Muzart (1992), Diva Cunha Pereira de Macedo (1994), Otto Maria Carpeaux (1951), Alfredo Bosi (1970) e Maussaud Moisés (1984).

Manoel Rodrigues de Melo (1976) cita ainda outros nomes, como Giselda Lopes do Rego Pinto, Adelino Magalhães, Luiz Rabelo, Esmeraldo Siqueira, Horácio Barreto, Meneval Dantas, José Félix, Teotônio Freire, Nilo Pereira, Ana Lima, Pinto de Abreu, Honório Carrilho, Anchieta Fernandes, Homero Homem, Pedro Nascimento, Ascendino Henriques de Almeida Júnior, Pedro Viveiros, Rocha Pombo, Berilo Wanderley, Minervino Wanderley, Antonio Fagundes e Sophya Augusta Tavares de Lyra.

Do que chamou por “expoentes da crítica nacional” que escreveram sobre Auta de Souza, Manoel Rodrigues de Melo (1976) indica os nomes de José Veríssimo, Medeiros e Albuquerque, Luiz Guimarães Filho, Carlos Dias Fernandes e Afonso Celso. Dentre os que Manoel Rodrigues de Melo (1976) entendeu como “os mais graúdos” que escreveram sobre o *Horto* em Natal, destacou Policarpo Feitosa (Antonio de Sousa), Zeferino Arruda (Alberto Maranhão), Antonio Marinho, Sebastião Fernandes, Segundo Wanderley, Manoel Dantas, Ezequiel Wanderley, Galdino Lima Filho e Pedro Avelino.

E, vasculhando melhor, encontrar-se-iam ainda outros. Isso sem contar todos os artigos que foram escritos sobre a poeta nos jornais locais ao longo de todo esse tempo, especialmente em datas comemorativas e nos primeiros anos após sua morte. Desta primeira fase consultei uma pequena parcela deles em que figuram nomes expressivos da sociedade potiguar da época, como: Pedro Avelino, Galdino Filho, Lemos Filho, Lima Filho, Antonio Marinho, Pedro Nascimento, José Pinto, J. Viveiros, Ezequiel Wanderley, Segundo Wanderley, entre outros.⁶³

Quase impossível em breves linhas sintetizar o que foi dito por todos esses comentadores. O que é possível dizer é que não há unanimidade, felizmente, mas que há muita representação recorrente.

Considero que Auta de Souza brilhou mesmo entre a considerada “crítica católica”, nos escritos de Jackson de Figueiredo, Nestor Victor, Perilo Gomes e Alceu Amoroso Lima, para citar alguns dos maiores. Estes viram em sua vida nos moldes cristãos um exemplo a ser seguido e, em sua obra, a expressão deste caráter cristão. Intrigante, nesta perspectiva, é o fato de muitos comentadores tentarem projetar esta mesma representação para o âmbito da obra mesma da poeta.

Desde suas primeiras publicações na imprensa, a poeta e sua obra têm sido especialmente enaltecidas devido a uma pretensa religiosidade profunda, espiritualidade, catolicismo ou misticismo; estas são, na verdade, as diversas

⁶³ Pedro Avelino (1901 a, b, c), Galdino Filho (1901), Lemos Filho (1901), Lima Filho (1901 a, b), Antonio Marinho (1901), Pedro Nascimento (1901), José Pinto (1901), J. Viveiros (1901), Ezequiel Wanderley (1901 a, b), Segundo Wanderley (1901), Manoel Dantas (1901), O. Fernandes (1901), U. G. (1901) provavelmente Ursula Garcia, Pedro Nascimento (1901), P. Soares (1901).

denominações que encontrei nos textos de muitos comentadores. Designações que serviram tanto para fazer referência à pessoa da poeta ou à sua obra.

Mas acho que, ao se tomar conhecimento do que constituía o projeto de recristianização do catolicismo a partir da segunda metade do século XIX, fica claro que, como outras moças de seu tempo, Auta de Souza foi alvo desse projeto. Parece-me que, em parte, isso dá sentido a representações difundidas sobre a poeta e a obra.

Acima de tudo, revela que Auta foi uma mulher de seu tempo que, a seu modo, optou por algo à frente de sua cultura. A seu modo, lutou para consolidar-se enquanto uma poeta. Ousou fazer-se poeta, quando a escrita feminina era entendida como uma transgressão, e assumiu publicamente esta sua condição.⁶⁴ Quando conseguimos pensá-la a partir desta condição singular, é possível perceber que escreveu ora compactuando, ora deixando-se à deriva, ora tentando romper com as amarras de toda ordem.

Não se pode esquecer que havia todo um cerceamento e controle social por parte da cultura oitocentista no tocante à entrada, permanência e respeito à mulher no campo da escrita profissional. Este era um território tradicionalmente reservado ao homem e interdito às mulheres. As pretendentes tinham que conquistar seu espaço através de uma luta não só com a sociedade da qual faziam parte, mas consigo mesmas, já que tinham que enfrentar inibições próprias a uma formação pautada na condição de tuteladas por pais, maridos e educadores.⁶⁵ Numa cultura em que a mulher era idealizada como esteio da família e pilar moral da formação de “homens de bem” para a sociedade, a educação, a escritura e a autoria femininas foram tacitamente relegadas. Para transformarem-se em profissionais da escrita, estas mulheres tiveram que redefinir seu papel. Tiveram de ousar. No meu entendimento, Auta de Souza foi uma delas.

Mas, com raras exceções, a poeta é registrada por muitos comentadores como emblema de uma feminilidade romântica associada à angelitude e à santidade da mulher cristã. Que Auta de Souza era uma moça cristã não há dúvida, ninguém discorda disso. Mas seria sua obra mera expressão desta devoção? Este é um problema que orientou minhas análises. Ele precisava ser pontuado e o fiz.

Dos muitos estudos e comentários sobre Auta de Souza, além da Nota de 1910, escrita pelo irmão Henrique Castriciano de Souza, e da biografia que lhe foi feita em 1961 por Luís da Câmara Cascudo, como já era de se esperar, as impressões mais fortes que dela permaneceram foram os registros dos comentadores católicos. As vozes que tentaram desvincular sua obra desta caricatura não conseguiram obter êxito. Embora tenha tratado o problema, nem mesmo Câmara Cascudo, biógrafo da poeta, conseguiu a ressonância

⁶⁴ Sobre Auta de Souza e a escrita feminina nos Oitocentos, consultar artigo que escrevi a respeito (Gomes, 2000b).

⁶⁵ Consultar Telles (1987, 1990, 1992, 1997 a).

necessária, já que tudo indica que esta concepção ainda prevalece nos discursos atuais.

Quando se observa o descaso ou rechaço da crítica literária em relação às escritoras oitocentistas de modo geral, constata-se que, nesta dimensão específica, Auta de Souza se singulariza em relação a outras poetisas de seu tempo. Principalmente em função de não ter sido esquecida pela crítica literária, ao longo destes cento e três anos desde que seus poemas começaram a ser publicados em periódicos do Rio Grande do Norte (em 1894). Fato incomum uma vez que nos Oitocentos a escrita feminina era entendida como uma prática transgressora por si só.

Alguns comentadores de Auta de Souza fizeram questão de salientar que a poeta se desviara da orientação das letras femininas de sua época. No entanto, diferentemente do que era comum acontecer, o referido desvio não foi mal visto por eles. Uma das explicações para esse apreço da crítica estaria no fato de não aceitarem somente aqueles desvios que sugerissem ideais de emancipação feminina, o que, pelo menos explicitamente, não estaria sendo veiculado pela poesia de Auta de Souza.

O trabalho de resgate da memória de mulheres do passado, especialmente de escritoras, está ocorrendo de forma mais sistemática nas pesquisas acadêmicas há pelo menos vinte anos, já como um desdobramento de estudos da crítica literária feminista. E isso tem repercutido nos estudos sobre escritoras e mulheres brasileiras em geral.⁶⁶

Já em 1914, Jackson de Figueiredo, um expoente da crítica literária brasileira conhecida como crítica católica, escreveu um livro sobre Auta de Souza. Em 1936, a terceira edição do livro *Horto*, de Auta de Souza, foi prefaciada por Alceu Amoroso Lima, outro importante nome da crítica católica. Estes dois, como alguns outros que seguiram seus passos, partiram das tradicionais associações da mulher com o que venho chamando por ideário de feminilidade oitocentista, associado ao estereótipo do anjo do lar. Mas como a poeta não podia se enquadrar adequadamente neste modelo – uma vez que nem era casada nem mãe, e além de tudo era escritora - reforçaram a representação de Auta de Souza como poetisa cristã, como poetisa católica e, no extremo, como poetisa mística, sempre vinculando o nome e a obra da poeta à sua explícita devoção religiosa, às temáticas entendidas como meramente religiosas, à linguagem litúrgica que por vezes aparece em seus poemas, entre outras coisas de semelhante natureza. Para se ter uma idéia destas representações, é elucidativa esta passagem escrita por Jackson de Figueiredo: “Auta de Souza, a tristezinha, a pobrezinha, que não sabia evitar, sofismar uma dor, foi, no entanto, essa indomável heroína cristã, que, mesmo quando < não vê o sol >, não desespera. Sabe que a noite do cristão faz

⁶⁶ A publicação *História das mulheres no Brasil* (Del Priore, 1997), a antologia *Escritoras brasileiras do século XIX* (Muzart, 1999) e o *Dicionário mulheres do Brasil* (Shumaker e Brazil, 2000) são exemplos disso.

adivinhar outros sóis, postos ainda mais altos pela mesma poderosa mão do Senhor”.⁶⁷ Parece até que a “heroína cristã” era, na verdade, uma coitadinha.

Embora não concordasse que se tratasse de uma poeta mística, a biografia de Câmara Cascudo não deixou de resvalar num parecer próximo àquele da “crítica católica”, como se vê nesta passagem:

Foi moça cristã, devotada e fiel, tendo as alegrias de um culto que vivia integral e completo, todas as necessidades da alma. Nunca duvidou. E não exigiu senão o que encontrava na liturgia diária e nas compensações mentais trazidas pelos devocionários preferidos. Na oração e na comunhão, na assistência à Missa e aos Novenários, nas pregações quaresmais, no exercício da confissão libertadora e das ‘orientações’ ou ‘ensinos’ do confessor, culturalmente inferior à penitente, estavam todos os ‘remédios’, soluções e consolos para sua angústia feminina e lírica.⁶⁸

Diante desta fala de Câmara Cascudo, cabe perguntar: e a escrita? Não teve papel algum na vida da poeta? É o que o biógrafo parece desconsiderar. Enquanto alguém “de fora” da “crítica católica”, Cascudo não esteve sozinho neste tipo de posição, veja-se, por exemplo, esta citação de outro conterrâneo da poeta, do acadêmico Moacyr Porto:

[...] AUTA era simplesmente religiosa. Tinha a aflita esperança de alcançar o céu e não a tranqüila certeza de alcançá-lo. A vida, para ela, um vale de lágrimas. A doença, insidiosa e tenaz, um tormento de todas as horas. A morte, encarada como um descanso e uma libertação. Entre o médico e a Igreja crucificou-se. Esvaiu-se em versos e hemoptises. Queixava-se, por isto, com a desesperança de um suicida [...].⁶⁹

Seria possível citar aqui muitas outras colocações semelhantes às anteriores. Por isso, tenho defendido que, desde a virada do século XIX e ao longo de todo século XX, o perfil público de Auta de Souza que predominou foi aquele associado à figura de uma moça doente, caridosa, resignada, amorosa, boa filha e imã, mártir de fé inabalável, entre outros qualificativos muito ajustados ao ideário de feminilidade associado ao estereótipo do anjo do lar e do que tenho chamado de anjo místico.⁷⁰ Em torno deste ideário agregou-se e cristalizou-se uma série de projeções sobre a poeta, algumas ligadas a determinado ideal de mulher, de suposta essência associada a um feminino romântico, outras, relacionadas ao domínio do sagrado.

Considerar a religiosidade da poeta não basta para justificar a restrição da leitura da obra enquanto um texto estritamente de cultura religiosa, pois isso implica em desconsiderar o potencial de criação da literatura.

O problema desse tipo de interpretação estaria no que Octávio Paz denominou por reducionismo da crítica ao vincular diretamente vida e obra, sem considerar

⁶⁷ Jackson de Figueiredo, op. cit., p. 29.

⁶⁸ Luís da Câmara Cascudo, 1961, p. 123.

⁶⁹ Moacyr Porto, Op. cit., p.20.

⁷⁰ Sobre esta passagem do anjo do lar para o anjo místico, consultar artigo meu (Gomes, 2000b).

certa autonomia do processo criativo em relação a condicionantes sócio-históricos. A afirmação de Octávio Paz , “a vida não explica inteiramente a obra e a obra tão pouco explica a vida. [...]”⁷¹, é fundamental, já que nos mostra que há algo que está na obra e que não está na vida do autor. Segundo o pensador, esse algo é exatamente o que se pode chamar por criação ou invenção artística e literária.

Estranhamente, o fato de Auta de Souza estar no rol das escritoras oitocentistas mais lembradas não se reverteu num legítimo reconhecimento de seu papel enquanto escritora, pois sua escrita continuou sendo tratada como obra menor, seja compreendendo-a como Jackson de Figueiredo, enquanto “linguagem escolhida ou recebida de Deus”, seja como oração, como Maussaud Moisés: “[Auta de Souza] não fazia literatura quando escrevia, - confessava ou rezava. [Seria exatamente este] ocasional caráter literário do *Horto* sua primeira qualidade, como documento humano ou obra de arte”.

Sem desconsiderar a devoção religiosa da moça, é preciso também focar a poeta oitocentista e seu devaneio poético, sua produção imaginária. Que a biografia de um poeta é uma dimensão importante no estudo de sua produção artística não se contesta. Mas é preciso que se leve em conta a capacidade da imaginação em deformar as imagens trazidas pela memória e percepção criando novas imagens, como nos indica o filósofo do devaneio poético, Gaston Bachelard.⁷²

Trata-se de uma obra que apresenta extenso vocabulário litúrgico, fruto também de uma vivência religiosa da poeta bastante significativa, bem como de correspondente leitura doutrinária. Mas outras leituras de sua obra podem ser feitas. Lendo inúmeras vezes seus poemas, observa-se que a poesia de Auta de Souza é absorvida pela vida do espírito, por uma imaginação viva que articula temas cotidianos a grandes questões existenciais, entre elas talvez a mais importante: *o porquê da vida e da morte*.

Nota-se também que a invocação a Deus, a Jesus, à Virgem Maria e a outros santos pode ser associada não somente à religiosidade da poeta, mas a forças psíquicas operantes no processo criador. Lendo tais imagens poéticas desta forma, muitas vezes elas até mesmo distanciam-se de preceitos doutrinários do catolicismo, religião da qual a poeta foi devota. Muito embora na tradição católica o sofrimento de Cristo e a imitação deste sofrimento pelos cristãos seja um aspecto fundamental da doutrina, nem sempre é assim que aparece na poesia de Auta de Souza. Ao lado do sofrimento, da tristeza, do medo da morte, encontram-se a alegria, a felicidade e a vontade de usufruir da beleza, até a mais efêmera, que a vida tem a oferecer. É aonde, muito freqüentemente, a poeta chega em

⁷¹ Octávio Paz (1992).

⁷² Sobre os apontamentos acerca do pensamento de Bachelard ao longo deste texto, recomendo a leitura de Gaston Bachelard (1988, 1990 e 1994) e de José Américo Motta Pessanha (1994). Especialmente importante na aplicação destas idéias na leitura de imagens literárias, são os trabalhos de Norma Telles (1994, 1997 b, 1998) e Ana L. F. Gomes (2000a).

seus devaneios, mesmo partindo de queixas doridas, como geralmente se observa.

Sem dúvida, é possível explorar mais a vida e a obra da poeta, reposicionar representações, levantar outros questionamentos, enfim, ainda se pode buscar novas formas de leitura. A exemplo de uma leitura das imagens pelas imagens, cheguei ao *Horto* como um jardim muito além do jardim de tormento/martírio de Jesus, passei a conhecer um *Horto* como um jardim poético de sonhos perfumosos.

O LIVRO *HORTO*: UM JARDIM POÉTICO DE SONHOS PERFUMOSOS⁷³

Como faz lembrar a psicanalista junguiana Clarice Estés, em seu livro *Mulheres que correm com os lobos*, em muitas culturas, os nomes são escolhidos por seu significado mágico ou auspicioso.⁷⁴ Gaston Bachelard, em seus estudos sobre o devaneio poético, mostra-nos como o ato de nomear algo ou alguém está ligado à função demiúrgica da imaginação criadora. Tendo o batismo também o sentido de invocar uma dada força que o nome vem representar, é possível transpor tais idéias para o mundo dos livros onde habita a Poesia.

Ao nomear um livro de poemas, conscientemente ou não, o autor espera que uma espécie de presságio venha se cumprir. Com estas idéias em mente, foi possível parar para pensar nos nomes atribuídos por Auta de Souza a seus manuscritos (*Dhálías* e *Horto*) e a seu único livro publicado (*Horto*).

Enquanto o título do manuscrito *Dhálías* faz alusão a uma espécie determinada de flores, o título *Horto* pode se relacionar ao local onde Jesus sofreu seus martírios. Apesar disso, a própria poeta particulariza a palavra **horto** em mais de um poema, como no caso do poema *No Horto*:⁷⁵

*Jesus amado, reza comigo ...
Afasta a noite, divino amigo!*

*Eu disse ... e as sombras se dissiparam.
Jesus descia sobre o meu Horto ...
Estrelas lindas no céu brilharam,
Voltou-me o riso, já quase morto.*⁷⁶

Na passagem do título *Dhálías* para *Horto*, observa-se uma mudança de valores. A poeta ampliou a abrangência de espécies vegetais de seu jardim poético, introduzindo o valor da multiplicidade e, por decorrência, o valor da

⁷³ Essa parte do texto foi publicada, com poucas alterações e outro título, no Caderno Viver/ Polifônicas Idéias/Grecom do jornal *Tribuna do Norte*, ver Ana L. F. Gomes (2001).

⁷⁴ Clarice Estés, 1994.

⁷⁵ Nalva Leão (1986) já havia observado isso.

⁷⁶ Grifo meu.

particularidade. Considerando com Bachelard que o valor que um sujeito atribui aos objetos de seu devaneio revela qualidades deste mesmo sujeito, podemos pensar a criação de Auta de Souza a partir do jardim imaginário que nos legou.

A exemplo, tomemos o poema *Soneto*. Ora, o soneto é uma forma de composição poética que impescinde do cultivo, é cultivado como a um jardim. Partindo da psicologia analítica, Ginette Paris atenta para o fato de que cultivar liga-se aos apuros civilizatórios, à domesticação de uma natureza primordialmente selvagem.⁷⁷ Curiosamente, no manuscrito *Dhálías*, o poema *Soneto* está dedicado a uma criança, ou seja, a um ser para quem o cultivo é especialmente recomendado para a vida em sociedade.⁷⁸

No jardim cultivado que Auta de Souza criou, primeiro como *Dhálías* e depois como *Horto*, há lugar tanto para a dor quanto para a esperança, não há exclusão de emoções, mas uma síntese de emoções ambivalentes. A idéia de uma alma do mundo ou de um mundo almadado (*anima mundi*) está presente em toda sua poesia. A alma do mundo associa-se a uma realidade psíquica própria do mundo das coisas, na qual o homem desloca-se do centro das preocupações, passando a ocupar unicamente uma perspectiva cósmica.⁷⁹ Através de seu jardim, a poeta nos abre as portas para a alma do mundo, como nesta passagem do poema *Goivos*:

Que tempo estive não sei!
Do mundo inteiro distante,
O jardim naquele instante,
Foi a terra que eu amei.

Ou neste trecho do poema *Flores*:

Esqueço-me, então, das horas
A contemplar estas flores,
As violetas, auroras,
Saudades, lindos amores.

Atente-se para a coexistência de tempos cronologicamente desencontrados, o tempo horizontal, linear e sucessivo do viver cotidiano e o tempo vertical e descontínuo da Poesia, tempo instantâneo, ligado à profundidade da alma e ao jorro da novidade. Também no poema *No Horto* verifica-se a unidade destes tempos. No próprio título, o eu lírico já se insere neste jardim cultivado que é o *Horto*, estando a cruz simbolizando justamente este cruzamento de tempos não justapostos:

⁷⁷ Ginette Paris (1994).

⁷⁸ A dedicatória só aparece no manuscrito *Dhálías*: para a “afilhadinha” da poeta, Maurina Gomes (Auta de Souza, 1893-1897, p. 48).

⁷⁹ Sobre isso consultar interessante artigo de James Hillman (1993).

*Ergui os olhos para o Céu lindo:
Vi-o boiando num mar de luz...
E, então, minh'alma, num gozo infindo,
Chorando e rindo, disse a Jesus:*

*Guia o meu passo, nos bons caminhos,
Na longa estrada cheia de espinhos.
Dá-me nas noites, negras de dores,
Uma Cruz santa para adorar,
E em dias claros, cheios de flores,
Uma criança para beijar.*

O viver cotidiano ligado ao peso sugerido para a cruz ganha novos contornos com o encanto da criança, enquanto potencialidade de liberdade anterior aos condicionamentos da socialização. É pois a capacidade de sonhar e dar vazão ao sonho, vivenciado no tempo instantâneo da poesia, que está sendo relevada por Auta de Souza.

Mesmo a morte, que é muito cantada em seus poemas, não subtrai-se ao impulso de renovação. Na intercessão entre os eixos horizontal e vertical da existência, na mediação entre movimentos psíquicos que levariam a sonhadora à elevação ou à queda, a cruz aparece indexada a este limiar entre vida e morte, nem sempre implicando em associação direta com a simbologia da cruz cristã, como nesta passagem do mesmo poema *No Horto*:

*A cruz no monte, mostra-me os braços ...
Eu vou subindo para o Calvário*

Não se pode esquecer que apesar de a palavra Calvário fazer alusão ao monte onde Jesus foi crucificado, ele também diz respeito a um processo de elevação. Subir ao Calvário pode pois associar-se à possibilidade de alçar novos patamares para uma vida psíquica profunda.

Os devaneios de morte de Auta de Souza, não raras vezes, estão ligados à infância, não necessariamente à memória de infância da poeta, mas a uma infância compreendida como um espaço/ tempo de prazer, não datado na história, como um lugar psíquico de vida feliz, como aparece no poema *Crianças*:

*E eu digo ao ver das criancinhas mansas
O bando alegre e luminoso e forte:
Vós sois no mundo claras esperanças,
Rosas da vida, embalsamando a morte!*

Crianças mansas embalsamando a morte, porque preservam a inocência da alma, inocência que sonhou um dia em todos nós, mas que a vida adulta nem sempre consegue preservar, e que a poesia possibilita revivermos, reinstalarmos em nossas almas.

Em outras passagens, a morte é cantada como um destino aéreo, de sonho, de liberdade do espírito. Por vezes, aparece tomada de sensualidade, como em *Palavras Tristes*:

Quando eu deixar a terra, dá-me flores
Boiando à tona de um sorriso teu;
Que os risos das crianças são andores
Onde os anjos nos levam para o céu...
Quando eu deixar a terra, quero flores!

Esta morte sensual também aparece no poema *Ao meu bom anjo*:

Quero fugir do mundo tenebroso,
Labirinto de dores ...
Mensageiro divino, vem comigo
Quero sonhar, viver, sorrir contigo,
No Éden há só flores .

Assim como a morte, figuras canônicas da devoção cristã são resignificadas. A exemplo, no poema *Simbólicas*, Maria é o próprio cosmo imaginado, afastando-se de sua significação de Madona :

Quando Deus criou Além/As estrelas em cardume,/Na terra criou também/As flores, mas sem perfume.// Um dia, ao mundo de abrolhos/A virgem pura desceu,/Com um manto da cor dos olhos/E uns olhos da cor do Céu.// [...] // Maria! - os anjos clamaram/ A chorar, vendo-a partindo ... -/ Tu levas nossa alegria..."/ Mas da terra lhe acenaram/ As flores todas, abrindo:/ "Maria!"// E Ela deixou do Infinito/ Os resplendentes fulgores,/ Para acudir ao bendito/ Aceno doce das flores.// [...] // Ah! fora Ela que as fizera/ Com a graça de seu sorriso,/ N'um dia de Primavera,/ Na glória do Paraíso!// [...]// Ia partir... Que lembrança/ Podia deixar no campo?/ Dera o sorriso à criança,/ Estrelas ao pirilampo!// [...]// Mas, Ela, que dera o encanto/ Do riso sagrado à infância,/ Da dobra azul de seu manto/ Deixou cair a fragrância.// Desde esse dia, na terra,/ As flores sabem falar.../ A voz da flor é a ambrosia/ Que tanta doçura encerra/ Quando murmura ao luar:/ "Maria!"

O amor pela Virgem é também metafórico, poderia ser pensado como um amor por toda criação, especialmente a criação da beleza do mundo e a criação da palavra. No poema, a Virgem interfere na criação de Deus, introduz a estética. Quem dá beleza e encanto ao mundo é ela. A evocação do nome de Maria pelas flores remete a este fluxo imaginário, através do qual a poeta participa do falar de seres que desabroçam. Falar por esta força chamada Maria é clamar por uma força estética, por um modo de desabrochar para a vida que priorize a beleza.

No poema *Sancta Virgo Virginum*, a Virgem mostra-se novamente repleta de sensualidade:

Ó Virgem tão serena!
Tu és meu sonho doce,
Perfume que evolou-se
De um seio de Açucena.

A leitura que aqui se faz de algumas passagens da obra de Auta de Souza está baseada na convicção de que a força vital de seus escritos encerra-se principalmente no retorno a um mundo almadado, mundo reanimado de beleza pela poesia, reanimando a própria poeta, ajudando-a a manter-se viva em meio aos sofrimentos revelados por sua biografia.

Se, como diz Bachelard, somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos, no poema *Nunca mais*, Auta de Souza sugere-nos um pouco dos perfumes que povoam seus sonhos de poeta:

*Que é feito de meu sonho, um sonho puro
Feito de rosa e feito de alabastro ... ?*

Curiosamente, quando Auta vivia em Macaíba durante sua juventude, plantou um jasmineiro. Por sua vez, os kardecistas acreditam que a presença do “espírito desencarnado” da poeta pode ser sentida, no plano físico, pelo perfume de jasmim que seria exalado no ar. Brincando com o jogo das palavras, e não com crenças religiosas, quero ressaltar que, para além do perfume do jasmim, há um jardim de sonhos perfumados que a poeta nos deixou ainda em vida em seu *Horto*.

Aproveitando os ares deste seu centenário de morte e da publicação de mais uma edição do *Horto*, nada mais gostoso que deixar-nos surpreender apreciando seus distintos aromas. Ao nos abrimos para sua poesia, Auta de Souza vive, passa a reviver em nós, fazendo-nos, como diz Bachelard, subir aos céus não porque se tem asas, mas porque se voa. Como pode sugerir essa passagem do poema *Caminho do Sertão*:

*Ao longe, a lua vem dourando a treva ...
Turíbulo imenso para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flor.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Escritos da autora

SOUZA, Auta. **Dhálías**. Manuscrito. (1893-97).

----. **Horto**. Manuscrito. (1898).

----. **Horto**. Natal: Tipografia d' República, Biblioteca do Grêmio Polimático, 1900.

----. **Horto**. 2ª ed. Paris: Aillaud Alves Cia, 1910.

----. **Horto**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1936.

----. **Hôrto**. 4ª ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

----. **Horto**. 5ª ed. Taguatinga (DF): Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza/ Editora Auta de Souza, 2000.

----. **Phantasia**. Texto manuscrito, s/d.

----. No cemitério [poema]. IN: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (org.). **Cronos**. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal-RN, v.2, n.1, p. 153, jan./jun.2001.

Sobre a autora

ALVES, Henrique L. Auta de Souza – poesia em tempo de ternura. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal (RN), vols. LXX-LXXII, anos 1979-1980.

ANDRADE, Mário. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

ARAUJO, Murillo. Uma alma do céu. **Revista Souza Cruz**. Rio de Janeiro, abr., 1925.

AVELINO, Pedro. Auta de Souza. **A República**, n.35, 13 fev., 1901 a.

----. (Fala em nome do Grêmio Polymathico, no enterro de Auta de Souza). **Oásis**. Edição Especial. 16 fev., 1901 b .

----. Oração. Proferida por Pedro Avelino à beira do túmulo da laureada poetisa Auta de Souza. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 de fev., 1901c .

BARBOSA, Edgar. Prefácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Vida breve de Auta de Souza: 1876-1901**. Recife: Imprensa Oficial, 1961. p.7-10.

BILAC, Olavo. Prefácio à primeira edição. In: SOUZA, Auta. **Horto**. 4ª ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p.13-16.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena biblioteca crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1951.

CARVALHO, Jandira. Auta de Sousa. In: **Mulheres do Brasil**. (Publicação da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno). Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971. p.137-169.

CARVALHO, José Rodrigues de. Subsídio para a História do Norte Literário. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza: Typ. Studart, 1900. p.25-145.

CASCUDO. **Nosso amigo Castriciano: 1874-1947**. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

----. **Vida breve de Auta de Souza: 1876-1901**. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

CRUZ, Diniz Ferreira da. **Auta de Souza**. São Vicente (SP): Danúbio, 1991.

DANTAS, Manoel. (Fala em nome da redação de A República, no enterro de Auta de Souza). **Oásis**. Edição especial. 16 fev., 1901.

FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte: de 1832 a 1908**. 2ª ed. Natal: Fundação José Augusto/Sebo Vermelho, 1998.

FERNANDES, O. Duas Palavras. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 fev., 1901.

FIGUEIREDO, Jackson de. **Auta de Souza**. (Coleção Eduardo Prado, série C). Rio de Janeiro: Centro Dom Vital/Tip. do Anuario do Brasil, 1924.

FREIRE, Nataércia. Poetisas do Brasil. **Revista Luso-Brasileira**. Rio de Janeiro/ Lisboa, 1950.

G, U. Auta de Souza. **Potiguarania**. n.2, 21 jul., 1901.

GALDINO FILHO. (Fala em nome do *Le Monde Marche*, no enterro de Auta de Souza). **Oásis**. Edição Especial. 16 fev., 1901.

GALVÃO, Cláudio. **A modinha norte-rio-grandense**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Ed. da UFRN, 2000.

----. **Cancioneiro de Auta de Souza**. Natal: Fundação José Augusto/Editora da UFRN, 2001.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira Gomes. **Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética**. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, abril 2000a .

----. Parnasiana do além. Entrevista concedida à repórter Sheyla Azevedo, do Caderno Muito. **Diário de Natal**. 9 maio, 2000b. p. 3.

----. Auta de Souza e a escrita feminina nos Oitocentos. **Cronos**. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vol. 1, n.2. , jul./ dez., 2000c. p. 49-60

----. Do perfume de jasmim ao jardim. Auta de Souza vive. **Tribuna do Norte**. Caderno Viver/Polifônicas Idéias/ GRECOM. Natal (RN), 10 fev., 2001.

GOMES, Perillo. **Ensaio de crítica doutrinária**. (Coleção Eduardo Prado, série C). Rio de Janeiro: Centro Dom Vital/ Alvaro Pinto, Anuario do Brasil, 1923. p.159-176.

LEÃO, Nalba de Souza. **A obra poética de Auta de Souza**. Dissertação de mestrado. Literatura Brasileira. UFSC, 1986.

LEMOS FILHO. **Oásis**. Edição Especial. Natal, 16 fev., 1901.

LIMA FILHO. Discurso pronunciado pelo acadêmico Lima Filho em presença do precioso cadáver da laureada poetisa Auta de Souza. **Oásis**. Edição Especial. 16 fev., 1901 a.

----. Discurso. Proferido pelo acadêmico Lima Filho à borda do túmulo da poetisa AUTA DE SOUZA. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, Edição Especial, 27 fev., 1901 b.

LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à terceira edição. In: SOUZA, Auta. **Hôrto**. 4ª ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p.9-11.

LINHARES, Mário. **Poetas esquecidos**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1938. p.11-18.

MACEDO, Diva Cunha Pereira de. Signos cruzados: vida e poesia de Auta de Souza. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Mulher e literatura no Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN/CCHLA, 1994. (Coleção Humanas Letras). p. 40-54.

MARINHO, Antonio. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 fev., 1901.

MELLO, Manoel Rodrigues de. Auta de Souza. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Vols. LXVIII-LXIX. Natal, 1976-1977, p.13-19.

MELO, Veríssimo. **Patronos e acadêmicos: antologia e biografia**. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1972. p.124-129.

MELQUIÁDES, José. Macaíba há um século: 12 de setembro de 1876. Nascimento de Auta de Souza. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**. Edição Comemorativa do 40º Aniversário de fundação. Vol. 24, n.12. Natal, 1976, p. 63-75.

MOISÉS, Maussaud. **História da Literatura Brasileira**. Vol. IV: Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1984. p.84-90.

MUZART, Zahidé L. Entre quadrinhas e santinhos: a poesia de Auta de Souza. **Travessia**. Revista do Curso de Pós-graduação em Letras. Mulheres Século XIX. Florianópolis: Ed. da UFRN, 1992, p.149-153.

NASCIMENTO, Pedro. Homenagem. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 de fev., 1901, p.29-42.

NAZARENO, Manoel. **Espinhos, flores e luzes**. Macaíba (RN): Gráfica Manimbu, 1982.

PINTO, José. Em busca do além. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 de fev., 1901.

PORTO, Moacyr. Discurso de saudação do escritor e acadêmico Mário Moacyr Porto. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**. Natal: RN/Econômico, 29 de janeiro de 1981, p.7-20.

SARAIVA, Gumercindo. **A modinha no Rio Grande do Norte**. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Natal, v. 27, n.15, nov. 1979/80, p. 99-105.

----- . Natal e sua gente. **Tribuna do Norte**. Natal, 7 de jul., 1976.

----- . **Trovadores potiguares**. São Paulo: Saraiva, 1960.

SILVA, Silvan Pessoa e. **Auta de Souza e Macaíba**. Natal: J.L. Publicidade e Comunicação, 1976.

SILVEIRA, Tasso da. As mulheres poetas do Brasil. **Revista Terra de Sol**. Rio de Janeiro, n. 8. , ago. 1924, p.206-12.

SOARES, P. Quérulas. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 de fev. de 1901.

SOUZA, Eloy. **Memórias**. Natal: Fundação José Augusto, 1975.

SOUZA, Henrique Castriciano de. Nota. In: SOUZA, Auta. **Hôrto**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 249-251.

SOUZA, Leal de. **A mulher na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurilho, 1918.

VALDIVINO, José. **Auta de Souza na literatura brasileira**. Fortaleza: Imprensa Oficial, ano LX, n.27, 1956. p.148-162.

VICTOR, Nestor. **A critica de Hontem** Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite e Ribeiro & Maurilho, 1919. p. 261-275.

VIEIRA, Monsenhor Primo. Auta de Souza, ou a dor santificada. **Leopoldianum**. Revista de Estudos e Comunicações da Sociedade Visconde de São Leopoldo. Santos (SP), vol. XI, 1984.

VIVEIROS, J. Deificação. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 de fev. de 1901.

WANDERLEY, Ezequiel. (Fala em nome do Congresso Litterario, no enterro de Auta de Souza. **Oásis**. Edição Especial. 16 fev., 1901 a .

----- .Allocação. Proferida por Ezequiel Wanderley, em nome do Congresso Litterario à borda do túmulo de Auta de Souza, a gloriosa poetisa norte-rio-grandense. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 fev., 1901 b.

WANDERLEY, Palmira. O elogio de Auta de Souza. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**. Natal, ano IV, n.4, 1956. p.3-22.

WANDERLEY, Segundo. Glorificação. **A Tribuna**. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano V, edição especial, 27 de fev. de 1901.

XAVIER, Francisco Cândido. **Auta de Souza**. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1991. 127p.

Obras gerais

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

----. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Org. e notas Suzanne Bachelard. Trad. Norma Telles. São Paulo: Brasiliense, 1990.

----. Instante poético e instante metafísico. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Tradução José Américo Pessanha et al. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 181-202.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. O quase silêncio da História: a literatura espírita e a crítica literária brasileira. In: AGUIAR, Flávio et al. (Orgs.). **Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.. p. 300-23.

DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FONTES, Nanci Rita Vieira; ALVES, Ívia. Ana Ribeiro. In: MUZART, Zahidé L. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editoramulheres, 1999. p. 384-400

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres**. Vol. 4. O século XIX. Porto: Afrontamento, 1994. p. 198-237.

HELLER, Barbara. **Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)**. Tese de doutorado. Teoria Literária. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 1997. 291p.

----. **Mulheres entre linhas: imagens da leitora brasileira do início do século XX**. Dissertação de Mestrado. Ciências da Comunicação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990. 143 p.

HILLMAN, James. Anima mundi: o retorno da alma do mundo. IN: HILLMANN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993. p. 9-28.

KEMPIS, Tomás de. **A imitação de Cristo**. Tradução Pe. J. Cabral. Reflexões Pe. J. T. Roquete. 24ª ed. São Paulo: Paulus (livro formato bolso), 1979. 515p.

LI, William. Introdução. In: MARCO AURÉLIO. **Meditações**. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 9-18.

MANOEL, Ivan. **A Igreja e a educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo (SP): Unesp, 1996.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

- MEYER, Marlise. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- MOISÉS, Maussaud. **A Literatura Portuguesa**. 22^a ed. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 23-37.
- MONTEIRO, Mons. Eymard L` E . **Esboço biográfico do Pe. João Maria**. Natal : Nordeste Gráfica, 1979.
- MUZART, Zahidé L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editoramulheres, 1999.
- NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. IN: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: UNESP/Contexto, 1997. p. 482-509.
- PARIS, Ginette. **Meditações pagãs**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
- PAZ, Octávio. **Sor Juana Ines de la Cruz. Las trampas de la Fe**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- PESSANHA, José Américo Motta. Introdução. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. v-xxxi.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- TELLES, Norma Abreu. **Encantações, escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**. Tese de doutoramento. São Paulo: PUC- SP, 1987.
- . Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nadia Batella (org.). **A mulher na literatura**. Vol. III. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. p. 127-135.
- . Autor + a . In: Jobim, José Luis (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- . Caelum ou Tintura Azul. In: FUNCK, Susana Borneo (org.). **Trocando idéias: sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Edeme, 1994.
- . Escritoras, escrita, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo : Contexto, 1997 a .
- . **Uma intuição do instante**. ATSP, Nashville, nov. 1997 b. Mimeo.
- . Atualização de texto, introdução e notas. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara (Delia). **Lésbia**. Romance. Florianópolis : Editoramulheres, 1998. p. 5-27.
- WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.